

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

77

DEZEMBRO 2017

www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

Samuel Casal

Marina 80

Aos 80 anos, Marina Colasanti está satisfeita com o painel literário que construiu em cinco décadas dedicadas à escrita e segue produzindo com o entusiasmo de uma iniciante

Romance | Jamil Snege • Os Editores | José Mario Pereira • Poema | Annita Costa Malufe



EDITORIAL

Marina Colasanti chega aos 80 anos de idade como uma das escritoras mais importantes do país. Com cinco décadas de vida literária e 60 livros publicados, mantém há muitos anos um público leitor cativo. Esta edição do **Cândido** conta um pouco essa história de dedicação à leitura e à escrita.

A ensaísta e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie Marisa Lajolo, entre outros aspectos, destaca a variedade da obra de Colasanti. “A literatura de Marina é tão difícil de classificar. Espalha-se por diversos gêneros e vale-se de diferentes suportes. E por isso encanta diferentes leitores”.

Além do ensaio crítico de Lajolo, a própria escritora fala sobre sua carreira. Convidada da edição de outubro do projeto “Um Escritor na Biblioteca”, Colasanti lembra episódios da infância vivida na Itália, que segundo ela foram determinantes para seu futuro junto aos livros. “Não me fiz leitora, sempre fui leitora. Não tenho nenhuma memória de uma vida sem livros”, diz. No bate-papo conduzido pelo escritor Miguel Sanches Neto, ela ainda reflete sobre questões urgentes de nosso tempo, como a crítica literária praticada na internet, os ataques à arte contemporânea e a persistente miséria que assola parte dos brasileiros.

Outro destaque da edição é a reportagem do jornalista e escritor Marcio Renato dos Santos a respeito da obra de Manoel Carlos Karam (Foto), que morreu há 10 anos. O legado experimental do autor dos romances *O impostor no baile de máscaras* (1992) e *Cebola* (1995) é comentado por alguns de seus admiradores, como os escritores Carlos Henrique Schroeder e Marçal Aquino. “Comecei a gostar do Karam a partir de *Fontes murmurantes* (1985), um livro que me atraiu por destoar do que se publicava naquele momento — textos colados ao real”, diz Aquino.



Katia Kertzman

Na segunda entrevista da série “Os Editores”, Alvaro Costa e Silva conversa com José Mario Pereira, que revisita sua longa carreira no mercado editorial e à frente da editora Topbooks. O editor, na ativa desde 1974, comenta o atual momento do mercado e dá suas impressões sobre livro de papel *versus* livro eletrônico e o sistema de compra de títulos pelo governo.

Entre os inéditos, a edição traz um conto de Luís Pimentel, trecho do romance de Jamil Snege, *O grande mar redondo*, e um poema de Annita Costa Malufe. O desenho da capa é assinado pelo artista Samuel Casal.

Boa Leitura.

EXPEDIENTE



Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa
Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani
Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:
Rogério Pereira e Luiz Rebinski.

Redação:
Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy.

Estagiários:
João Lucas Dusi e Luís Izalberti.

Diagramação:
Thapcom

Colaboradores desta edição:
Alvaro Costa e Silva, André Ducci, Annita Costa Malufe, Daniel Ramalho, Deivison “Stay Flow” Souza, Fabio Santiago, Felipe Rodrigues, Jamil Snege, Kraw Penas, Luís Pimentel, Marisa Lajolo e Samuel Casal.

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br – (41) 3221-4974

Acompanhe o Cândido pela internet:
candido.bpp.pr.gov.br e facebook.com/jornalcandido/

O site www.bpp.pr.gov.br e as redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) divulgam informações sobre serviços e toda a programação da BPP.

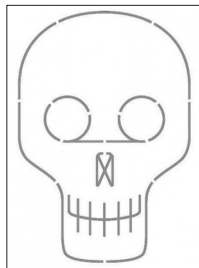
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento:
segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.

CÂNDIDO *indica*

GRAÇA INFINITA

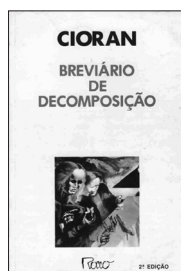
**David Foster Wallace,
Companhia das
Letras, 2014**



Em um futuro distópico, Estados Unidos e Canadá se juntaram para formar a Organização das Nações da América do Norte (ONAN). Nos EUA, há um filme que, dado seu alto grau de entretenimento, faz com que o espectador não consiga parar de assisti-lo, levando-o à morte. Sabendo disso, terroristas canadenses separatistas — os Cadeirantes Assassinos — tentam se apossar da película e utilizá-la como arma de guerra. Através desses núcleos narrativos principais, que compõem este romance de 1136 páginas e 388 notas de rodapé, o escritor norte-americano David Foster Wallace relaciona dezenas de personagens excêntricos em histórias que envolvem drogas e degenerados de todos os tipos, esportes, assassinatos e suicídio, valendo-se de uma dialética implacável para explorar a condição humana.

BREVIÁRIO DE DECOMPOSIÇÃO

**Emil Cioran,
Rocco, 1989**



Neste libelo contra a existência, o romeno Emil Cioran se apoia no existencialismo para ressignificar a desesperança: ao invés de concebê-la como condição do ser humano, define-a como condição natural, afinal, “a tristeza é a poesia do pecado original”. Nada escapa às marteladas deste que se afirma um antifilósofo: toda organização humana é alvejada por Cioran, que vê mais nobreza em um mendigo do que em um homem ponderado. O elogio, aqui, é o do desencanto; o ser ideal é mudo e desnudo: existe sem expectativas ou ilusões, esperando que o tempo o anule. *Breviário de decomposição* aborda o absurdo da existência com uma elegância ímpar, sem deixar brechas para esperanças infundadas.

O COMPRADOR

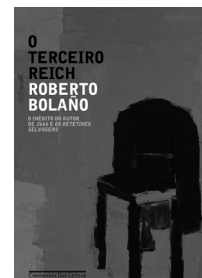
**Guido Viaro,
Insight, 2017**



Neste ano, após publicar *A sombra dourada*, o escritor curitibano Guido Viaro apresenta mais um livro, *O comprador*, o seu 14.º romance. Viaro é um escritor que problematiza a solidão do ser humano e, para isso, vale-se de enredos em que personagens perambulam em meio a outros interlocutores, mas que continuam isolados em suas misérias individuais e intransferíveis. Nesta narrativa recente, a trama parte do impasse do protagonista, Ludwig Wistenburg. Ele é um bilionário entediado que costuma incendiar obras de arte adquiridas em leilões por milhões de dólares. A trajetória de Ludwig se altera no momento em que ele conhece um garçom, Francesco. A narrativa de Viaro inclui, além da movimentação de personagens, reflexões que dialogam com o legado de grandes filósofos e, como não poderia deixar de ser, interlocução com autores de vários idiomas e culturas.

O TERCEIRO REICH

**Roberto Bolaño,
Companhia das Letras,
2011**



Aficionado por *WarGames*, o alemão Udo Berger está tirando férias com sua namorada pela primeira vez. A fim de aprimorar sua escrita, com o objetivo de fazer um bom artigo sobre o jogo de guerra Terceiro Reich, ele mantém um diário — que resulta neste livro. Hospedados no hotel Del Mar, na Costa Brava catalã, o casal tem sua tranquilidade abalada quando conhecem Hanna e Charly, os espanhóis bebuns Lobo e Cordeiro e o enigmático Queimado. Essas relações encerram acontecimentos devastadores, e a sanidade do protagonista é colocada em cheque. Com este romance publicado postumamente, o chileno Roberto Bolaño explora temas caros a sua obra, como a obsessão e a paranoia, com seu estilo característico que emana violência.

CURTAS DA BPP

Um escritor na Biblioteca

Divulgação



O romancista e tradutor Daniel Galera encerra, dia 5 de dezembro, a temporada 2017 do projeto “Um escritor na Biblioteca”. O evento acontece

às 19h30 no auditório da Biblioteca Pública do Paraná. O bate-papo será mediado pelo jornalista Christian Schwartz e tem entrada gratuita. Nascido em São Paulo, em 1979, Daniel Galera estreou com o livro de contos *Dentes guardados* (2001), publicado pelo selo independente Livros do Mal. Também é autor dos romances *Até o dia em que o cão morreu* (2003), *Cordilheira* (2008), *Mãos de cavalo* (2006) e *Barba ensopada de sangue* (2012), este último vencedor do Prêmio São Paulo de Literatura 2013. Galera tem livros publicados na Inglaterra, Estados Unidos, França, Itália, Argentina, Portugal, Romênia e Holanda. Como tradutor, verteu para o português livros de Irvine Welsh, David Foster Wallace, Hunter Thompson, entre outros. *Meia-noite e vinte* (2016) é sua obra mais recente.

Caravana Literária

Divulgação



A segunda edição do projeto Caravana Literária, realizada entre 24 de agosto e 23 de setembro, reuniu um público de 2,5 mil

pessoas. No total, 15 autores visitaram 30 municípios do interior do Paraná e da Região Metropolitana de Curitiba para falar sobre suas obras e temas ligados ao universo literário. A iniciativa da Biblioteca Pública do Paraná fez parte da programação do Mês da Literatura, projeto da Secretaria de Estado da Cultura que promove atividades de incentivo à leitura com entrada gratuita em diversas regiões do Paraná. Na edição deste ano da Caravana, participaram autores como, Milton Hatoum, Reinaldo Moraes, Santiago Nazarian, Etel Frota, Adriana Sydor e José Roberto Torero.



OS EDITORES | JOSÉ MARIO PEREIRA

Separar o essencial do acessório

Na segunda entrevista da série Os Editores, o fundador da Topbooks relembra episódios marcantes do início de sua carreira, nos anos 1970, e reflete sobre as mudanças ocorridas no mercado editorial nas últimas décadas

ALVARO COSTA E SILVA





Fotos: Daniel Ramalho



O proprietário da Topbooks, José Mario Pereira, acompanha a movimentação do mercado de livros desde 1974. Levando em consideração esta experiência, ele afirma: “O mundo editorial mudou muito. Havia um saudável romantismo na profissão de editor. Hoje eu noto uma tendência, pelo menos por parte da mídia, de privilegiar, no que tange ao mundo da edição, o econômico em detrimento do cultural. Se um livreco de ocasião vende muito, independente do valor literário, é certo que vai ganhar maior espaço que o livro de qualidade”.

Pereira é o segundo entrevistado da série “Os Editores”, projeto do **Cândido** que prevê bate-papos com 12 profissionais do mercado editorial — conteúdo que, em 2018, será publicado em livro. O *publisher* da Topbooks teve o início de sua carreira marcado pelo contato com o dicionarista Aurélio Buarque de Hollanda. A partir disso, passou a frequentar a editora Nova Fronteira, que editava o *Dicionário Aurélio*. O proprietário da Nova Fronteira, Carlos Lacerda, autorizou o funcionário responsável pelo setor de expedição a entregar a Pereira um exemplar de todos os livros ali editados que desejasse. “O primeiro que ganhei, e que me impressionou muito, foi *Memórias, sonhos e reflexões*, do Jung”, conta.

Nesta entrevista, realizada pelo jornalista Alvaro Costa e Silva, Pereira comenta outros momentos de sua trajetória, e afirma o que — em sua opinião — é um bom texto literário: “É aquele que se lê com agrado e que convoca à reflexão. Um bom autor maneja bem os recursos de sua língua, e dialoga ao mesmo tempo com a tradição e com os seus contemporâneos”. Ele também define o que é um editor: “Para mim um editor tem de ser, antes de tudo, um bom leitor. Depois, é recomendável que esteja informado sobre o que se publicou e se publica no seu país e nos principais centros de cultura. Eu aprendi muito frequentando sebos, boas livrarias, lendo a respeito dos temas mais variados, e conversando com editores mais velhos.”

O editor da Topbooks ainda conta que foi a sua curiosidade que o levou a frequentar sistematicamente livrarias, atitude que lhe permitiu entender a diferença entre o essencial e o acessório.

O que podemos destacar de significativo no mercado de edição de livros no Brasil dos últimos 40 anos?

Eu comecei a acompanhar o mundo editorial já no final de 1974, época em que cheguei ao Rio de Janeiro. Sou do Ceará. A razão disso se deve à minha sorte de ter conhecido, no mesmo

mês em que aqui desembarquei, o dicionarista Aurélio Buarque de Hollanda, que ficou meu amigo e me convidou para trabalhar com ele no escritório do seu dicionário. Devido à minha proximidade com Aurélio, passei a frequentar a editora Nova Fronteira, que editava o seu dicionário, e que era então dirigida por Carlos Lacerda, seu fundador e dono. Foi ele quem, ao notar meu interesse por livros, autorizou o funcionário responsável pelo setor de expedição a me dar um exemplar de todos os livros ali editados que eu desejasse. O primeiro que ganhei, e que me impressionou muito, foi *Memórias, sonhos e reflexões*, do Jung. Terminado o trabalho com Aurélio Buarque de Hollanda, fui para a Imago, do psicanalista Jayme Salomão, cujo editor era Pedro Paulo de Senna Madureira, que logo depois de deixar o seminário trabalhara na editora Bruguera e no escritório da Enciclopédia Delta como assistente de Antônio Houaiss. O tempo que passei como revisor na Imago foi importante para mim, tanto pelas leituras, quanto pelo convívio com uma equipe excelente, e da qual eu era o integrante mais jovem. Foi lá, por exemplo, que conheci Otto Maria Carpeaux, amigo de Pedro Paulo. Também lá conheci Adélia Prado, pois foi a Imago que editou o seu livro de estreia, *Bagagem*. Tendo o catálogo da Imago como baliza, passei a examinar tudo que se publicava, indo às livrarias diariamente. Desde o primeiro momento me entusiasmou o catálogo da Perspectiva, o da Civilização Brasileira, o da Paz e Terra, o da Brasiliense, o da Francisco Alves, o da Zahar, o da Vozes, para só citar algumas das editoras que nesse período estavam em >>>



OS EDITORES | JOSÉ MARIO PEREIRA

plena atividade. Esse acompanhamento sistemático de tudo que chegava às livrarias me treinou no sentido de saber perceber a diferença entre o essencial e o acessório. Afora isso, eu ia muito aos sebos, às noites de autógrafos, onde conheci muita gente, e logo passei a ter acesso a importantes bibliotecas, tanto de instituições, como a Academia Brasileira de Letras, quanto de amigos, como Paulo Rónai e Evaristo de Moraes Filho. O editor que eu me tornei nasceu da confluência desses fatores.

Contextualize o momento atual e ao mesmo tempo nos conte sobre a sua própria trajetória, misturando os dois aspectos da questão.

O mundo editorial mudou muito desde os anos 1970. Havia então um saudável romantismo na profissão de editor. Hoje eu noto uma tendência, pelo menos por parte da mídia, de privilegiar, no que tange ao mundo da edição, o econômico em detrimento do cultural. Se um livreco de ocasião vende muito, independente do valor literário, é certo que vai ganhar maior espaço que o livro de qualidade. Houve também um encolhimento do espaço nos jornais para a divulgação de livros. Alguns importantes suplementos deixaram de circular, e muitas vezes obras relevantes são entregues a estagiários, quando antes os jornais convidavam professores e especialistas na matéria. Atualmente é comum o jornal pedir à editora a cópia de um livro que só será publicado meses depois e, a partir dela, fazer uma nota rápida anunciando a publicação, mas quando o livro sai não se interessam em publicar uma resenha, alegando que já deram matéria antes. Eu tive a sorte de ainda poder ver circular alguns importantes veículos dedicados à divulgação de livros e temas culturais. Lembro-me com saudade, entre outros, do suplemento “Cultura”, de *O Estado de S.Paulo*, em forma de tablóide; do “Folhetim”, da *Folha de S.Paulo*; e do caderno cultural do *Jornal da Tarde*.

Qual foi seu grande acerto ao longo da carreira de editor, um fato que o tenha deixado orgulhoso?

Penso que foi ter aceitado o desafio de publicar *A lanterna na popa*, de Roberto Campos, em setembro de 1994, com pouco dinheiro, mas sem impor ao autor nenhuma redução no seu texto. Um livro que gostei de ter devolvido ao mercado foi *D. João VI no Brasil*, de Oliveira Lima, então esgotado há mais de 50 anos. Outro autor cuja obra principal pus de volta em circulação foi o sergipano Manoel Bomfim.

“ A José Olympio foi uma das maiores editoras do Brasil. Devemos muito a ela e ao seu fundador, José Olympio Pereira.”

E qual o seu maior arrependimento como editor?

Eu sempre trabalhei com pouco dinheiro, sem capital de giro, sem sócio. Vez por outra consigo a ajuda de algum amigo para coeditar uma obra ou outra, mas no geral tenho de reinventar permanentemente a roda. A atividade de qualquer editora é limitada ou potencializada pelos recursos financeiros de que ela dispõe. Mesmo a obra de Leonardo da Vinci e a de Michelangelo se beneficiaram da ajuda de mecenas. Então não tenho arrependimento, só consciência dos meus limites. Isso às vezes angustia, mas toda profissão carrega consigo a sua cota de frustração. O importante é não desanimar, e ficar atento às oportunidades.

Como se forma um editor?

Para mim um editor tem de ser, antes de tudo, um bom leitor. Depois, é recomendável que esteja informado sobre o que se publicou e se publica no seu país e nos principais centros de cultura. Eu aprendi muito frequentando sebos, boas livrarias, lendo a respeito dos temas mais variados, e conversando com editores mais velhos. Mas a verdade é que não existe uma receita pronta para se fazer um grande editor. O dia a dia vai moldando o profissional. É de se esperar, no entanto, que todo editor seja curioso e tenha um quê de psicanalista, porque às vezes nos deparamos com autores carentes, que demandam atenção redobrada.





Há crescimento do número de editoras (e, portanto, de livros publicados, o que é uma tendência mundial), mas sem um crescimento equivalente, no Brasil, no número de leitores. Como fazer?

A todo momento surgem novas editoras, muitas delas artesanais, que publicam livros de qualidade mas com tiragem pequena, às vezes de apenas 50 ou 100 exemplares. Tenho visto também que jovens escritores passaram a imprimir os próprios livros, em tiragens definidas em função da venda previamente garantida. É importante observar que muitos desses livros não chegam às livrarias. Até o começo dos anos 1980, o normal para qualquer livro era uma tiragem mínima de cinco mil exemplares, mas depois isso baixou para três mil, e hoje é usual se fazer edição de apenas mil exemplares. Então eu penso que temos mais editoras, mais títulos, e menos exemplares impressos. Até em função do custo de armazenamento, as editoras tendem hoje a produzir tiragens menores. Uma vez entrei numa livraria em Barcelona e comentei com o dono que não entendia o fato de ver tantos livros novos e, ao mesmo tempo, ler nos jornais que havia diminuído o número de leitores na Espanha. “Quem então consome as novidades que vejo nesta mesa?”, perguntei. O livreiro me respondeu de imediato: “Quien garante nuestra existencia son drogadictos como usted”. Ou seja, me parece que é assim que funciona o sistema editorial, aqui e lá fora. Para cada inapetente existe alguém que compensa isso lendo muito, e consumindo mais. Acho, porém, que o governo, as escolas, o Sindicato Nacional dos Editores, as emissoras de televisão deveriam unir forças para fomentar o interesse pela leitura e pelos livros em todo o país.

Qual o papel dos fenômenos editoriais? E o das chamadas “tendências” (livros para colorir, livros de youtubers)?

É da essência das modas o fato de chegarem com muita força, e desaparecerem a seguir. O livro para colorir sempre existiu, mas aí houve uma repaginação do produto, e ele teve um reaquecimento, que já chegou ao fim. Agora vivemos a temporada dos youtubers. Ela também esmaecerá com o tempo, e outra moda tomará o seu lugar. A pergunta que merece ser posta é: que literatura é essa? Tem qualidade literária? Trata-se de algo que só funciona no veículo eletrônico, ou seria levado em consideração se publicado em forma de livro?

>>>



OS EDITORES | JOSÉ MARIO PEREIRA

Os editores brasileiros colocam a mão na massa, modificam os textos de ficção que recebem, sugerem mudanças aos autores?

Eu creio que todo bom editor pode ajudar um autor, sugerindo mudanças ou acréscimos em seu texto, e até mesmo cortes maiores ou menores. Ezra Pound fez isso com *The waste land*, de Eliot, e o editor de Raymond Carver também. No Brasil há um caso interessante de título mudado pelo editor: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, originalmente se chamava *Um mundo coberto de penas*. José Olympio e seu irmão Daniel convenceram mestre Graça a mudar esse título comprido. Um editor com o qual trabalhei e que ajudou a melhorar muitos romances nacionais, reordenando, cortando ou fundindo capítulos, foi Pedro Paulo de Senna Madureira. Ele também retocava traduções. Fazia isso sempre à mão, usando caneta tinteiro. Ele ficava horas a fio na Nova Fronteira, revendo, cortando, emendando, melhorando originais de escritores hoje famosos. Uma delas depois virou *best seller*. Eu ouço e leio que Luiz Schwarcz sugere mudanças e cortes em obras de muitos de seus autores, e que eles agradecem por isso.

O que é um texto literário bom?

É aquele que se lê com agrado e que convoca à reflexão. Um bom autor maneja bem os recursos de sua língua, e dialoga ao mesmo tempo com a tradição e com os seus contemporâneos.

O que é um texto literário ruim?

É aquele que não tem ritmo, humor, ironia, agride a gramática, usa vocabulário *démodé* ou pernóstico, e não deixa eco na mente do leitor.

Que livros jamais publicados no Brasil gostaria de publicar?

São tantos os livros que um editor quer fazer e não faz, seja porque tem outras prioridades, seja porque a vida é curta... Mas vou citar alguns que eu editaria, se pudesse: um alentado volume com os aforismos de Lichtenberg; o *Samson Agonistes*, de John Milton; um livro de Joseph Leo Koerner, como *The reformation of the image*; uma reunião dos principais ensaios de Kenneth Burke; a trilogia *On what matters*, de Derek Parfit, o grande filósofo inglês que morreu no dia 1º de janeiro deste ano, etc.

Como vê a disputa entre o livro eletrônico e o livro de papel?

Desde que começaram a falar obsessivamente do livro eletrônico e de que o livro em papel estava com os seus dias contados, achei essa conversa sem fundamento. Considero o livro eletrônico útil para acondicionar grandes enciclopédias, dicionários e obras de referência, mas ele não ameaça o livro em papel, não. As estatísticas recentes, tanto no Brasil como no exterior, mostram que o consumo do livro eletrônico não tem crescido como os alarmistas anunciavam. Umberto Eco ainda teve tempo de refletir sobre essa “ameaça” do livro em plataforma digital ao livro em papel; ele escreveu com muita lucidez sobre o tema, e em nenhum momento pensou em se desfazer de sua preciosa biblioteca de mais de 40 mil volumes. Acho que um e outro coexistirão sempre.

O que pode nos dizer sobre as compras de livros feitas pelo governo?

Durante anos eu ouvi falar de editoras com mais conexões que outras em se tratando de vendas para o governo. Já me comentaram até de editoras que contratavam despachantes para agilizar negociações com o FNDE e outros órgãos compradores. Não sei o quanto de boato há em afirmações como essas, embora se saiba, pelos jornais, de escândalos no setor. Seria recomendável a transparência na elaboração das listas de compras. Quem escolhe? Com que critérios? Como o governo adquire 20 mil exemplares de um romance num ano, e no seguinte compra mais 20 mil iguais se não aumentou o número de bibliotecas públicas na mesma quantidade? O ideal



“ Um editor tem de ser, antes de tudo, um bom leitor.”



seria que essas compras fossem feitas tendo por base a constituição de uma Biblioteca Básica Brasileira que pudesse existir em todos os cantos do país, e que os compradores equilibrassem a seleção dos títulos de modo a não privilegiar uma editora em detrimento da outra. Seria igualmente saudável que o FNDE ficasse atento ao trabalho das pequenas editoras e estimulasse o seu desenvolvimento.

Você pesquisou e escreveu um livro sobre a história da José Olympio que ganhou prêmios. Qual a importância dessa editora para a vida cultural do Brasil?

A José Olympio foi uma das maiores editoras do Brasil. Devemos muito a ela e ao seu fundador, José

Olympio Pereira. A Casa, como era chamada, publicou não só os grandes escritores e ensaístas do país, como também o melhor da literatura universal. José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre, Guimarães Rosa, Tolstoi, Dostoiévski, Melville, Dickens, Jane Austen, Rilke, para só citar alguns, foram editados pela José Olympio em excelentes traduções, e belamente ilustradas. O padrão de qualidade que a J.O. imprimiu a suas publicações enriqueceu a paisagem cultural do Brasil.

Que figura mais lhe impressionou como editor? Pedro Paulo de Senna Madureira? Como entende o fato de ele não estar mais no mercado?

Eu me tornei amigo de Pedro Paulo na segunda metade dos anos 1970. Desde então acompanhei sua trajetória como editor brilhante e ousado. Na Imago ele publicou não só o primeiro livro de poemas de Adélia Prado, mas também Ana Maria Machado, Paul Ricouer e Hans Küng. Na Nova Fronteira, lançou Italo Calvino, Kundera, Faulkner, Proust, Norman Mailer, Gore Vidal, Marguerite Yourcenar, Thomas Mann, Hermann Broch e Umberto Eco. Na Guanabara, publicou, entre outros, Max Frisch e uma notável antologia de poetas gregos em tradução de José Paulo Paes. Na Siciliano, Pedro Paulo continuou a editar obras de grande qualidade, nacionais e estrangeiras, de Rachel de Queiroz a Faulkner. Alguém da qualidade intelectual de Pedro Paulo não estar na ativa, como editor ou consultor editorial, mesmo levando-se em conta uma ou outra excentricidade sua, é algo que merece reflexão, e deve ser lamentado. ■

> NA PRÓXIMA EDIÇÃO, ENTREVISTA COM **JACÓ GUINSBURG**.

REPORTAGEM





Katia Kertzman

Roteiro de uma jornada experimental

O legado do escritor **Manoel Carlos Karam** está, uma década após sua morte, quase totalmente editado e atrai a atenção de leitores, escritores e até dramaturgos, que encenam os textos ousados e inventivos do catarinense que se radicou e escreveu ficção em Curitiba

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Dez anos após a morte de Manoel Carlos Karam (1947-2007), quase todo seu legado literário, que soma 14 títulos, está — enfim — disponível em formato de livro. Falta apenas a edição de *Mesmas coisas*, obra inacabada que segue em busca de recursos, por meio de financiamento coletivo (www.catarse.me/karam), e deve ser publicada no primeiro semestre de 2018. O primeiro livro do autor, *Sexta-feira da semana passada*, de 1972, que Karam renegava, acaba de ser reeditado pela Arte & Letra.

“Karam esteve à frente de toda uma geração e ele — sozinho — foi um movimento literário, um submarino que só agora está emergindo”, diz o escritor Carlos Henrique Schroeder, autor, entre outros livros, da coletânea de contos *As certezas e as palavras* — Prêmio Clarice Lispector da Fundação Biblioteca Nacional, e do romance *As fantasias eletivas* (2014).

>>>

Manoel Carlos Karam
em Paris, em 1997.



REPORTAGEM

ESTANTE

Comendo bolacha maria no dia de São Nunca

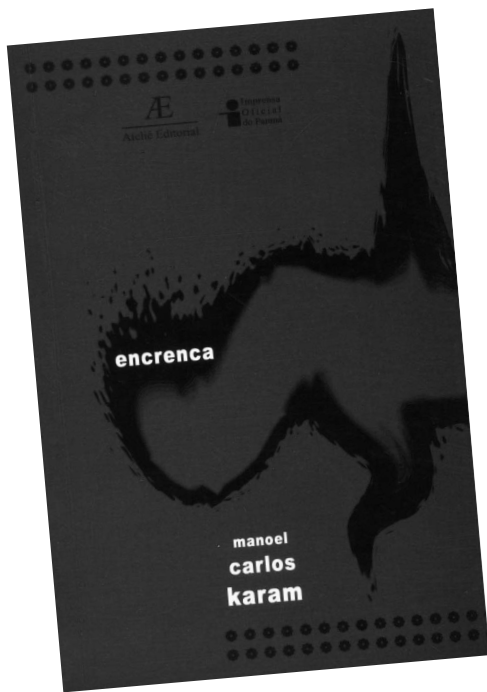
Por Carlos Henrique
Schroeder

Vou recomendar o livro que considero a melhor entrada para o universo do Karam, para entender seu jogo: *Comendo bolacha maria no dia de São Nunca*. São breves recortes que não cabem nos rótulos mais conhecidos, como conto, crônica ou mesmo o aforismo e a dramaturgia, divididas em nove partes completamente díspares. Esses estalos hoje encontram ecos em livros de autores como Lydia Davis e Gonçalo M. Tavares, pela incrível precisão e brevidade, mas com o humor peculiar do Karam, que beira a exasperação. É um livro para ler várias vezes, do início ao fim, ou de trás para frente, não importa. Aqui Karam mostra que sabe jogar e nós somos o tabuleiro.

Encrenca

Por Joca Reiners Terron

Encrenca é o mais ambicioso romance do Karam, ambicioso no sentido de que ali ele tentava escrever um romance fugindo aos esquemas que ele próprio inventou no *Cebola*, que é um romance em camadas, contos dentro de contos dentro de contos etc. Já o *Encrenca* tem protagonista e até personagem secundário (o automóvel do protagonista). Também tem ambientação, ação e outras situações dramáticas (não sei se a palavra serve ao caso) terminadas em ão. Enfim, é uma narrativa que faz jus ao termo, ao contrário de outros livros mais fragmentários dele que se apegam ao fraseado, à subversão da lógica e à dissolução do enredo.



Em 2013, ele organizou uma programação em homenagem ao escritor na Feira do Livro de Rio do Sul, cidade onde Karam nasceu. Todos os espaços do evento receberam nomes de livros do autor e Schroeder também editou um caderno de leituras, com trechos e exercícios, distribuído gratuitamente nas escolas.

O legado de Karam também desperta atenção de escritores contemporâneos e de profissionais do teatro — o autor também escreveu textos dramáticos. O projeto Mesmas Coisas encena, com direção de Nadja Naira, texto homônimo e fragmentos dos outros títulos karanianos por meio da montagem “A serenata”, apresentada em Curitiba no segundo semestre deste ano e durante a primeira edição da Flibi, a Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná, em outubro.

Essa movimentação, em alguma medida impulsionada pela Kafka Edições, que publicou 7 títulos, entre eles *Jornal da guerra contra os taedos* (2008) e *Godot é uma árvore* (2015), conquistou leitores e ajuda a desmontar alguns equívocos ditos, e repetidos, a respeito da literatura que o Karam produziu. O escritor e roteirista Marçal Aquino, por exemplo, questiona o rótulo de “experimental”.

“Karam nunca é hermético ou obscuro. Ao contrário. Sua escrita é de uma clareza abusada. Porém, está o tempo inteiro desafiando a imaginação do leitor com jogos aliantes. Ou seja, exige um leitor com imaginação”, afirma Aquino, autor, entre outros livros, de *Faroestes* (2001) e *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* (2005).

Aquino conheceu a literatura de Karam na metade da década de 1980, período em que trabalhava só à noite, no fechamento de um jornal e que, segundo ele mesmo, tinha tempo durante o dia para ler: “Bons tempos! Comecei a gostar do Karam a partir de Fontes *murmurantes* (1985), um livro que me atraiu por destoar do que se publicava naquele momento — textos colados ao real. É um romance (ou uma sucessão de pequenos contos e aforismos) que flerta o tempo inteiro com o nonsense e com o questionamento da realidade”.

Sem margens: possibilidades

Carlos Henrique Schroeder analisa que os livros de Karam, seja *Cebola* (1995), vencedor do Prêmio Cruz e Sousa, ou *Encrenca* (2002), não têm “margens” e muitos são difíceis de serem atrelados a um gênero específico, “o que é maravilhoso”. “Foi Karam quem me ensinou a palavra ‘possibilidade’. Sim, a possibilidade de convulsionar uma narrativa, a possibilidade de rir do leitor, de si mesmo, de tudo, e também um segredo: a lite-

ratura não tem margens, é um campo vasto e uma solidão compartilhada”, diz Schroeder, acrescentando que os livros do autor são engraçados, irônicos, originais mas, sobretudo, vivos.

Para o escritor Joca Reiners Terron, os textos de Karam desprezam a convenção realista e amam a confusão surrealista. Ele acrescenta que a literatura karaniana se voltou contra o *status quo* da literatura brasileira e sua permanência é indecifrável, “ao menos por enquanto — talvez para sempre”.

Terron diz ter conhecido Karam de três formas, todas ao acaso. Primeiramente, quando tinha 15 anos e leu aforismos dele publicados em um fanzine, no fim da década de 1970, da banda curitibana A Chave — “que chegou pelo correio, sem que eu tivesse solicitado”. Depois, ao ler um conto do autor, “Orelha para um livro de Serafim Barth”, na primeira edição do *Nicolau*, suplemento editado pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná — “uma amiga me presenteou sem que eu pedisse”. E, enfim, mais tarde, quando Karam telefonou para Terron — “sem que eu tivesse dado meu telefone”.

Os dois se tornaram interlocutores e Terron editou dois livros de Karam, *Comendo bolacha maria no dia de São Nunca* (1999) e *Pesçoço ladeado por parafusos* (2001), ambos pela editora Ciência do Acidente. Terron observa que há pouco interesse pela obra do amigo. “Mas isso não é mérito dele [Karam]: qualquer obra literária minimamente desafiadora tem poucos leitores no Brasil”, completa. Marçal Aquino acrescenta que escritores da estirpe do Karam sempre vão encontrar um público atento: “Pequeno? Grande? Isso importa?”.

Carlos Henrique Schroeder, que nasceu em Trombudo Central, situada a poucos quilômetros de Rio do Sul, cidade natal Karam, comenta que em Santa Catarina o escritor é conhecido no meio acadêmico e pelos escritores, “mas não é tão lido como deveria”. “Isso é normal, pela proposta de sua escritura. Mas o Brasil vai descobrindo o Karam aos poucos, tenho contato com leitores dele em diversos Estados brasileiros”, comenta.

Thiago Tizzot, editor da Arte & Letra, observa que há público para os quatro livros do Karam que o selo editou, >>>

“Karam nunca é hermético ou obscuro. Ao contrário. Sua escrita é de uma clareza abusada. Porém, está o tempo inteiro desafiando a imaginação do leitor com jogos aliciantes. Ou seja, exige um leitor com imaginação.”

MARÇAL AQUINO

DUAS DÉCADAS COM O KARAM



Bruno Karam, filho de Karam com Roxane Bocchino (1960-2017), apresenta Katia Kertzman da seguinte maneira: “Ela foi o grande amor do Manoel Carlos Karam”. Katia e Karam [na foto, eles estavam em Curitiba em 1990] trabalhavam com jornalismo, não dirigiam, ela torcia para o Atlético Paranaense e ele para o Coritiba, e os seus caminhos se encontraram. Conviveram durante 20 anos, de janeiro de 1988 a dezembro de 2007. Katia conta que o Karam, nascido no dia 25 de abril de 1947, nunca teve rotina, apesar de ler, escutar música e escrever diariamente: “Ele escrevia e a gente nem notava. O Karam nunca se isolou. Uma pessoa chegava e ele deixava o que estava fazendo para conviver.”

Apesar de escrever textos dramáticos, Karam parou de frequentar teatros. O cinéfilo também abandonou as salas de cinema, de acordo com Katia, por causa do cheiro de pipoca. A casa no bairro curitibano Bom Retiro se tornou o cenário predileto do casal, ambiente frequentado por amigos e amigas e também por escritores, entre os quais Joca Reiners Terron e Marçal Aquino. Em 1995, Karam conquistou, com o livro *Cebola*, o Prêmio Cruz e Sousa e ganhou US\$ 10 mil (dez mil dólares). “Viajamos para Paris”, diz Katia, acrescentando que duas vezes por ano eles saíam de

Curitiba para conhecer outras cidades, como Nova York, Londres, Paris, Roma, Barcelona e São Francisco. “Ele me levou 13 vezes para Paris. Viajamos muito.” Karam trabalhou por anos em televisão, rádio e jornal. Depois, migrou para assessoria de imprensa, movimento profissional também realizado por Katia. A partir disso, o casal conseguia descansar do Natal até o Ano Novo em uma casa na praia em Gaivotas, no litoral paranaense: “Ele tomava banho de mar no fim da tarde”.

De acordo com Katia, Machado de Assis era o autor brasileiro favorito do Karam. “Ele relia muito, por causa do humor”. Heineken era a sua cerveja predileta e ele apreciava a comida que Katia preparava: arroz, feijão, bife, massa, salada.

Karam morreu no dia 1.º de dezembro de 2007 e foi cremado com um All Star preto de couro — ele caminhava pelas ruas de Curitiba com All Stars, tinha vários modelos de cores diversas. Quase todos os seus três mil livros foram doados para uma biblioteca situada no Parque Barigui, em Curitiba. A partir de 2 de dezembro de 2008, o espaço passou a se chamar Casa de Leitura Manoel Carlos Karam. Katia guardou alguns títulos, entre os quais *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar: “Era uma leitura frequente do Karam. O exemplar está ao lado da minha cama”.

REPORTAGEM



Arquivo BPP

O ESCRITOR NA BPP

Manoel Carlos Karam foi o homenageado da primeira edição da Festa Literária da Biblioteca, Flibi, que aconteceu entre 23 e 28 de outubro. Durante o evento, a Cia de Teatro do Urubu realizou leituras em diferentes espaços da BPP [veja na foto acima]. Os integrantes da trupe, Anderson Caetano, Carolina Meinerz, Gustavo Gusmão, Igor Kierke, Michelle Pucci e Muhammad Chab, solicitavam ao público um número, que seria a página de um dos livros do Karam que eles iriam ler. Depois, outro número, dito por alguém que estava na BPP, indicaria a página de outro livro do autor a ser lido por outro integrante da Cia de Teatro do Urubu — e assim eles realizaram 10 sessões de leituras na Flibi.

No dia 27 de outubro, Michelle Pucci e Marc Olaf apresentaram o *happening* “A serenata” [veja imagem abaixo], a partir de textos de *Mesmas coisas*, última e inacabada obra de Karam, além de outros textos do autor, recriados em forma de canção e dramaturgia. “A day in a life”, canção dos Beatles, uma das favoritas do Karam, também foi interpretada pela dupla Michelle-Olaf. A performance teve início no Hall Térreo, percorreu as escadas que dão acesso ao segundo andar e continuou no Auditório, com projeção de imagens no telão, verbalização de textos do Karam e interpretações de Michelle e Olaf.

O curso, James Joyce e David Foster Wallace: um diálogo, ministrado por Caetano Galindo, de 23 a 25 de outubro, fez referência ao autor de *Ulysses* [Joyce], uma das vozes literárias prediletas do homenageado da Flibi.

Fábio Santiago



entre os quais o póstumo *Algum tempo depois* (2014). “De fato, tem pessoas que procuram espontaneamente [os títulos que editamos dele]. Isso é bacana. Mas, de toda forma, é necessário divulgar a obra. É um trabalho de construção”, afirma.

Quebra-cabeça karaniano

O músico Bruno Karam, hoje com 40 anos, diz que, cada vez mais, compreende o legado literário de seu pai. Ele está lendo obras de autores que o Karam costumava ler, entre eles Georges Perec e Julio Cortázar, e também aprecia filmes que o pai admirava, principalmente longas-metragens de Federico Fellini e Luís Buñuel: “É preciso ter repertório para compreender, plenamente, os livros do Karam. Quem conhece os autores com quem ele [Karam] dialogou, daí, tende a se encantar a literatura karaniana”.

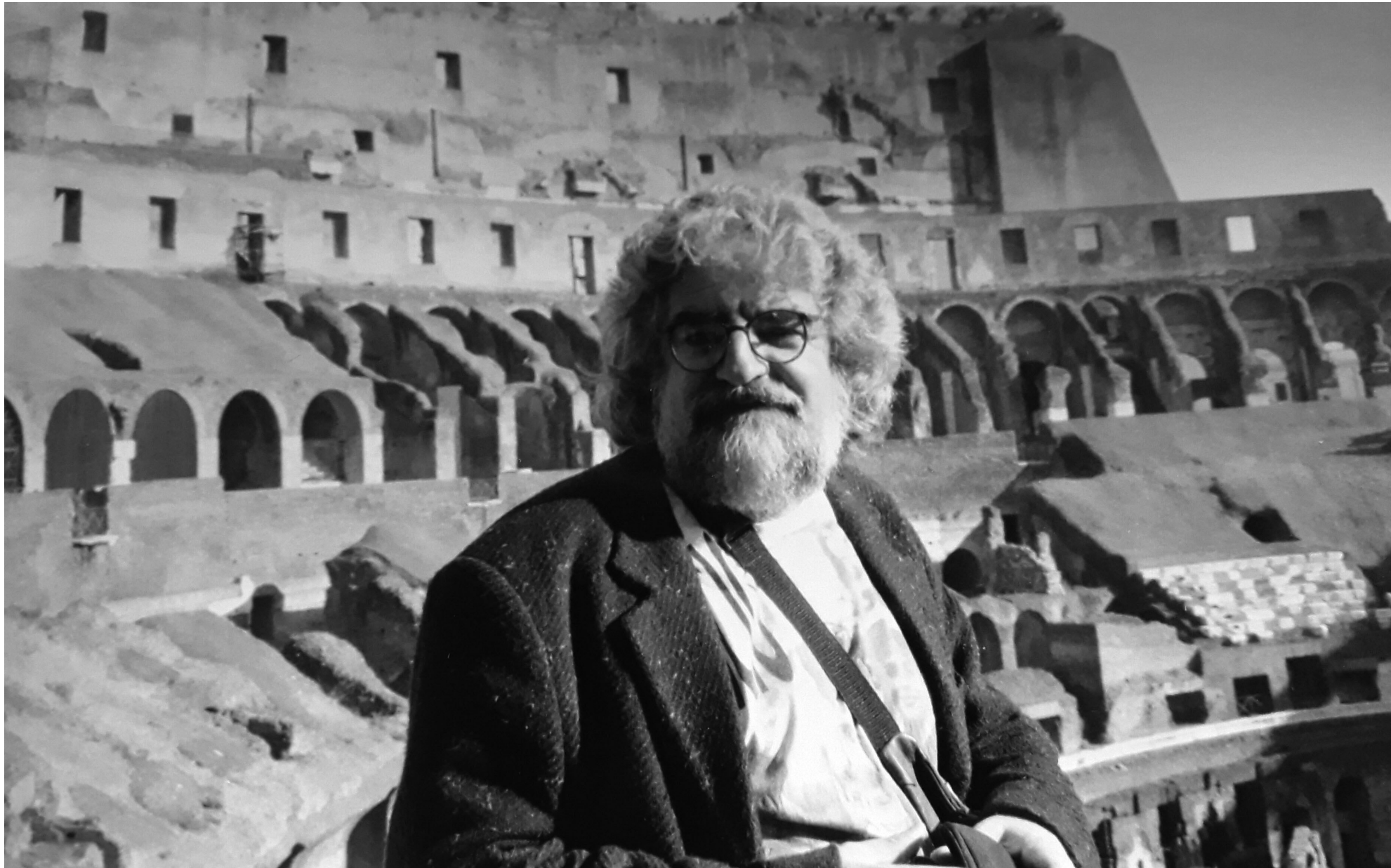
Marçal Aquino tem a impressão de que Karam pertence à linhagem dos transgressores, de Samuel Beckett a Campos de Carvalho, incluindo outros artistas da chamada “prosa do absurdo”. “[Eles] sempre vão encontrar público antenado o suficiente para cultivá-los com fervor”, diz.

Joca Terron cita Richard Brautigan e Donald Barthelme, além dos já mencionados Perec e Cortázar, como artistas com quem Karam dialogou. Já Carlos Henrique Schroeder acrescenta Kurt Vonnegut e Jorge Luis Borges como autores presentes no imaginário karaniano.

Bruno Karam chama atenção para um fato: na orelha de *Comendo bolacha maria no dia de São Nunca* (1999), Valêncio Xavier comentou que Karam sempre escreveu um mesmo livro. “Só grandes escritores conseguem isso — o Kafka só escreveu um livro com vários nomes, o Machado [Machado de Assis] idem”, teorizou Xavier.

Levando em conta o ponto de vista, Bruno afirma que é possível abrir um livro, qualquer um, do Karam, ler um trecho, pegar outro título e seguir a leitura e, ainda, procurar outra obra de seu pai e continuar lendo — e assim percorrer toda a produção literária do autor. “Há pontos de contato entre todos os livros. A leitura fragmentada começa em uma obra e continua em outra, e assim por diante. Isso funciona”, diz Bruno — leia mais no box ao lado.

Bruno, no entanto, não deixa de salientar que o seu pai teve, e realizou, um projeto literário meticulosamente planejado. “Cada livro tratou de uma questão e esses livros-temas se complementam”, diz. De acordo com Bruno, *Fontes murmurante* (1985) apresenta um país, *O impostor no baile de máscaras* (1992) revela uma cidade e *Cebola* (1997) é uma narrativa sobre uma



Karam esteve em Roma, na Itália, em 1996 e não deixou de visitar o Coliseu.

casa. *Comendo bolacha maria no dia de São Nunca* (1999), explica o filho do escritor, é uma obra “fora da curva”, uma vez que reúne textos variados.

Pescoço ladeado por parafusos (2001), no entendimento de Bruno, é um livro sobre um personagem e a obra publicada em seguida, *Encrenca* (2002), traz as aventuras desse personagem. Já *Sujeito oculto* (2004), o último livro que Karam publicou em vida,

é o título “aparente mais normal, mas a última frase muda tudo”.

A atriz Michelle Pucci chama atenção para o acaso, elemento presente em todo o legado karaniano. Em 2016, a Companhia Brasileira de Teatro apresentou, durante o Festival de Curitiba, *A cidade sem mar* — a partir de um texto homônimo do Karam. A encenação aconteceu em uma rua da capital paranaense e, em determinado momento, surgiu um caminhão de bombeiro.

“O público queria saber se os bombeiros faziam parte da montagem e nós não dissemos que sim, nem que não. Mas foi por acaso. E o curioso é que há bombeiros em textos do Karam”, comenta Michelle, para quem a leitura da obra do autor catarinense que viveu em Curitiba ajuda a perceber como tudo pode estar conectado, na literatura e na vida. ■



MANGAS VERMELHAS

Marcaram encontro para o fim da tarde e pegaram o caminho da chácara. Pararam diante do muro, logo depois do portão principal, no trecho onde sabiam que havia alguns tijolos quebrados. Ali seria mais fácil escalar. Ficaram um tempo escondidos atrás do juazeiro grande que tinha em frente à propriedade, contando o tempo para agirem logo depois que o Seu Bonifácio fosse para o armazém e o caseiro se embrenhasse lá pelos fundos, a cuidar dos porcos.

O magrinho usava a camisa de pano remendada no peito e abotoada até o pescoço, calção e tênis. O de cabeça raspada vestia camiseta surrada, calção e sandálias de dedos. Carregava uma sacola de pano debaixo do braço.

— Você está parecendo um sacristão de igreja, com essa camisa fechada até a garganta, como se estivesse se enforcando. E ainda por cima remendada! — disse o careca, rindo do magrinho.

— Remendada, porém limpa — reagiu o outro. — Pior é essa tua cabeça raspada. Parece mais um moleque de rua. Quem fez isso?

— Minha mãe. Tinha piolho — respondeu ele, entregando a sacola. — Toma. Já sabe o que fazer, não é?

— Por que eu tenho que pular o muro de novo? Por que dessa vez não pula você? — perguntou o que parecia um sacristão.

— Porque você tá de tênis.

— Por que você nunca vem de tênis?

— O meu tá rasgado.

— Sei. Muito espertinho é o que você é.

De onde estavam dava para ver o verde e amarelo das frutas na mangueira carregada.

— Pega só as mais graúdas — recomendou o que parecia um moleque de rua.

O que usava tênis fez cara de preocupação:

— Ouvi dizer que Seu Bonifácio contratou um empregado novo.

— Duvido. Aquele mão-de-vaca?

— E que o sujeito passa o dia aí dentro, é bem mal encarado e carrega uma arma de fogo na cintura.

— Bobagem. Não se esquece de amarrar bem a boca da sacola e de jogar pro lado de cá. Recolho aqui e fico te esperando, pra gente comer manga até cagar amarelo — disse o cabeça raspada, ajudando o outro a escalar o muro, com a sacola pendurada no pescoço. Voltou a se esconder atrás do pé de juá, escutando o barulho do tênis do magrinho nas folhas e nos gravetos.

Depois de uns momentos em silêncio, ouviu os disparos. Dois. E o barulho de alguém correndo entre galhos. Encostou-se ao muro, para ouvir melhor, e esperou mais um pouco, coração saindo pela boca. Quando se deu conta de que passara muito tempo sem nem sinal do amigo, disparou na carreira a caminho de casa.

Os pais o aguardavam para jantar. Disse que não tinha fome e foi direto para o quarto, sem tomar banho. Enrolou-se no cobertor, escondendo bem a cabeça para não escutar nada. Cochilou e acordou no meio da noite, molhado de suor, com febre, batendo o queixo. Continuou na cama, na mesma posição, até o dia clarear e ouvir o choro da vizinha na sala, dizendo para sua mãe que o menino magrinho não voltara para casa. Que vira quando os dois amigos saíram juntos, à tardinha, carregando uma sacola de pano.

A mãe entrou no quarto, ofegante e abrindo a janela, lhe chamando pelo nome. Ele bateu os olhos num belo pedaço de céu, sem uma nuvem sequer. Não conseguia entender o que as duas mulheres falavam, em meio ao choro, a mente presa na imagem que invadia e tomava conta de tudo, trazidas pela febre ou pela imaginação.

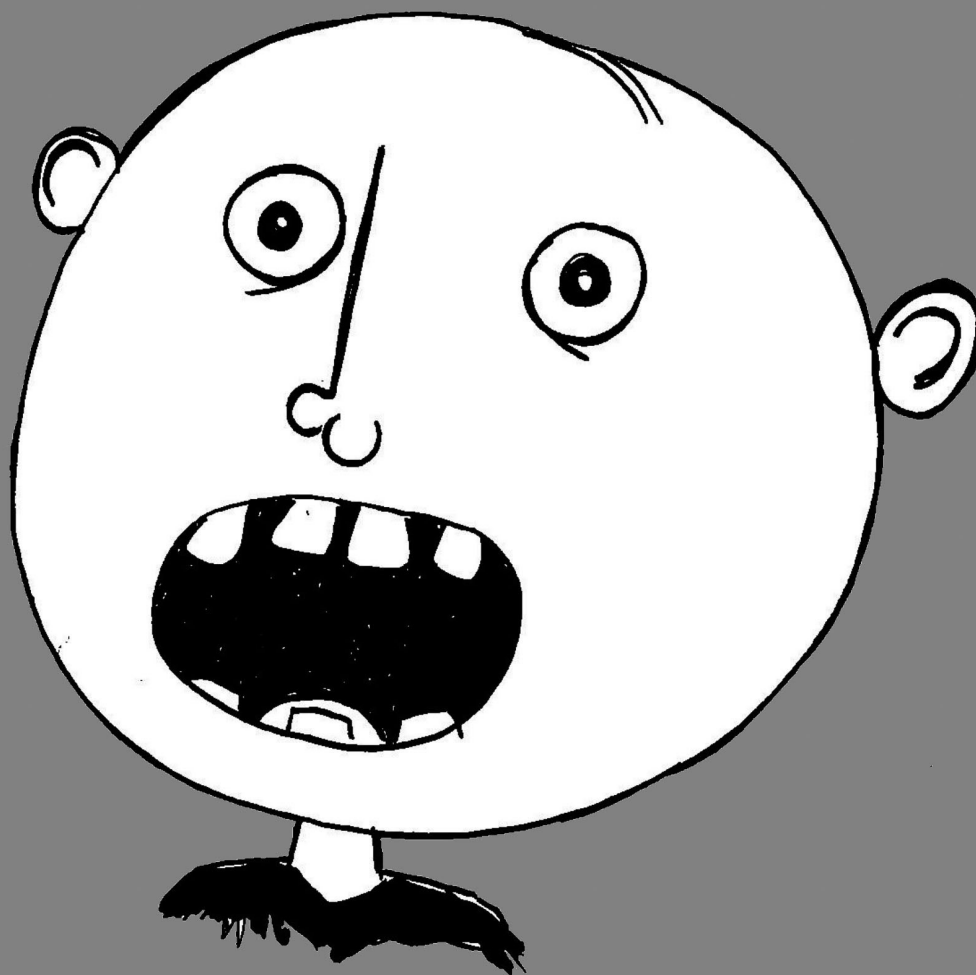
Só via o amigo se aproximando, com um sorriso contente que atravessava a parede ou pulava a janela, o botão da camisa apertando o pescoço e a sacola carregada de mangas. Verdes, amarelas e até umas vermelhas que pareciam de sangue. ■



Luís Pimentel é jornalista e escritor. Trabalhou em diversas redações e tem livros publicados em vários gêneros (contos, poesia, infantojuvenil, textos de humor, música e teatro). Recebeu prêmios nacionais como o Concurso Literatura Para Todos, do MEC, Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura, Jorge de Lima, da União Brasileira de Escritores, e o Prêmio Nacional de Dramaturgia Cidade de Belo Horizonte. Pimentel nasceu em Feira de Santana (BA) e vive no Rio de Janeiro (RJ).



Ilustração: Felipe Rodrigues



FESTA LITERÁRIA

Fotos: Higor Oratz

O jornalista Juca Kfoury falou sobre seu mais recente livro, *Confesso que perdi*.

Completando 70 anos, Raimundo Carrero fez uma retrospectiva de sua trajetória literária na Flibi.

Semana multicultural

DA REDAÇÃO

A Festa Literária da Biblioteca, a Flibi, apresentou em uma semana, de 23 a 28 de outubro, o que a BPP já oferece ao público regularmente. Realizado no período denominado Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, o evento disponibilizou ao público uma variedade de opções culturais, todas sem custo. Mais de 20 escritores participaram de bate-papos e/ou lançamentos de livros, teve exibição de longas-metragens (adaptações de obras literárias), apresentações musicais, teatrais e o curso James Joyce e David Foster Wallace: um diá-

logo, ministrado pelo professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR), escritor e tradutor Caetano Galindo. O homenageado foi o autor Manoel Carlos Karam (leia mais na página 14). Já a curadoria ficou a cargo do escritor e jornalista Marcio Renato dos Santos.

Durante a Flibi, o auditório da BPP, completamente reformado para as comemorações dos 160 anos da Biblioteca, foi palco de bate-papos. A pro-

fessora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Regina Zilberman falou sobre leitura no Brasil, assunto que ela estuda há décadas. O escritor pernambucano Raimundo Carrero festejou os seus 70 anos e fez uma retrospectiva de sua trajetória.

Quem também comentou a própria história profissional foi o jornalista Juca Kfoury, com 50 anos de imprensa — conteúdo do livro recém-publicado *Confesso que perdi*, que teve sessão de autógrafos na Flibi. Já o jornalista Diego Antonelli citou, e analisou, episódios da História do Paraná, assunto que estuda e tema de um livro que ele publicou recentemente.

O auditório também foi utilizado para o projeto Cine BPP, com exibi-



O curador da Flibi, Marcio Renato dos Santos, conversou com o poeta Fernando Koproski (à esquerda) e o romancista Carlos Machado (à direita) sobre os pontos de contato entre prosa, poesia e música.

ção dos filmes *Budapeste* e *Hotel Atlântico*, adaptações de obras, respectivamente, de Chico Buarque e João Gilberto Noll, *Corações sujos*, longa-metragem que teve como ponto de partida um livro homônimo de Fernando Moraes, e os documentários *Uma noite em 67* e *José e Pilar*.

No hall térreo foi criado um novo espaço, a Arena BPP, que aproximou o público espontâneo da Biblioteca, estimado em 2,5 mil pessoas por dia, dos encontros com autores. Neste local aconteceu o lançamento de *Experimentais*, livro editado pelo selo Biblioteca Paraná com adaptações em formato de HQ de obras de prosadores paranaenses, seguido de bate-papo com os desenhistas Rafa Campos, Theo Szczepanski e DW Ribatski.

No mesmo espaço, Miguel Sanches Neto falou sobre o legado do escritor Jamil Snege (1939-2003), o poeta e tradutor Fernando Koproski e o prosador Carlos Machado discutiram os pontos de contato entre prosa, poesia e música e Andressa Barichello, Geraldo Magela e Guido Viaro conversaram a respeito do processo criativo que, em última instância, se materializa



Priscila Prado foi uma das atrações infantis da Festa Literária da Biblioteca (Flibi).

em um livro publicado. Na Arena BPP também aconteceu um bate-papo sobre crítica literária e escrita contemporânea, com a participação de Gisele Eberspächer, Julie Fank e Yuri Al'Hanati.

Consolidada como um centro cultural, onde há muito mais do que apenas empréstimos de livro, a BPP teve durante a Flibi edições diárias do projeto Música na Biblioteca, que acontece a cada 15 dias. As atrações traduziram o multiculturalismo do evento: da tradicional música brasileira (representada por Sérgio Albach e Regional do Choro e Aline Morena Trio), passando propostas autorais (Chico Salem), experimentalismo (Pecora Loca) até música religiosa e tradicional síria (Alma Síria).

A Flibi também contou com programação voltada ao infantil. As escritoras Célia Cris, Márcia Széli-ga, Jaqueline Conte, Daniele Sommer e Priscila Prado participaram do tradicional projeto Aventuras Literárias, em que autoras e autores conversam com o público sobre suas experiências literárias. O Projeto Broadway marcou presença durante uma edição do projeto Aventuras Musicais, proposta que tem a finalidade de, por meio da música, apresentar o universo literário às crianças. E o coral infantojuvenil da BPP — o Cantateca — se apresentou no Hall Térreo na manhã do dia 28 de outubro, marcando o encerramento da Flibi, a primeira festa literária realizada por uma biblioteca brasileira. ■

As muitas Marinas de Marina Colasanti



A ensaísta e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie **Marisa Lajolo** analisa a trajetória da escritora que acaba de completar 80 anos, muitos dos quais dedicados ao fazer literário, que se espalha por diversos gêneros e linguagens

Livros novos, reedições, lançamentos, entrevistas, festas. Viva! Marina Colasanti faz anos e os leitores ganham presentes. Seguindo a lição de Manuel Bandeira, *mafuás, novenas* e *cavallhadas* para celebrar esta escritora que tece histórias, como linhas e agulhas tecem bordados.

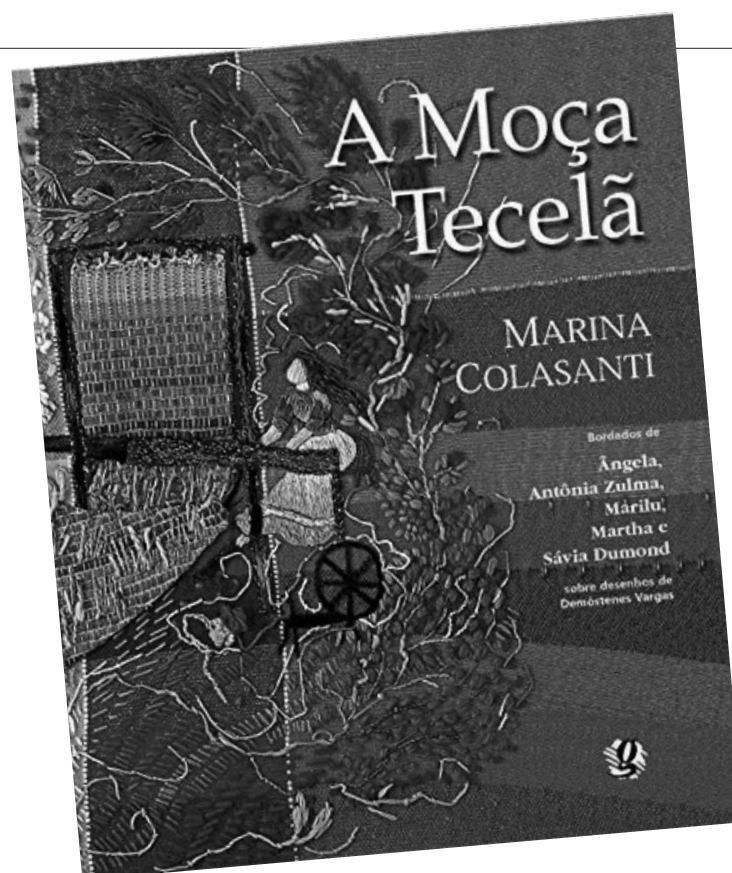
O resultado são leitores enfeitiçados. Enredos e versos que os fazem visitar ora territórios insólitos de fantasia e imaginação, ora o dia a dia concreto da vida cotidiana, ora os dois ao mesmo tempo.

Mergulhar nas águas fundas da fantasia mais pura — e, por isso, radical e arrebatadora — é uma das experiências que os livros de Marina proporcionam. Através de seus textos, talvez os adultos esqueçam que *não* acreditam em fadas. E, esquecidos da descrença, talvez revivam o encantamento da infância. E se lembrem de que princesas, alaúdes e unicórnios povoavam as esquinas de sonhos e pesadelos.

Revivendo o encantamento, os leitores se reinventam. Ainda que por segundos. Mas vale a pena...

Num desdobramento deste universo fantástico mais tradicional que acolhe alguns textos de Marina, por vezes o insólito se transfigura e se entrelaça a situações e paisagens cotidianas, e caseiras. Num parágrafo, a imaginação campeia por linhas e entrelinhas que imergem leitores em momentos de espanto e assombro. No parágrafo seguinte, o leitor se identifica com a personagem que cruza uma grande avenida, outra que toma ônibus e aquela que empurra um carrinho de bebê.

De repente, quem lê Marina compartilha indagações a estrelas que, quando respondidas, já foram esquecidas. Ou fica conhecendo o pianista cego que não enxerga as teclas, mas vê os sons. Ou encontra o carneiro que provoca a insônia do homem ao lado da folha que nasce no vaso pintado na parede.



Nas páginas de seus muitos livros, o mundo se revela a seus leitores como enigma e mistério. Mistério e enigma que, embora indecifráveis — talvez justamente por isso? — criam um laço de solidariedade entre nossa humanidade e a (apenas?) vislumbrada compreensão (efêmera?) da alteridade das coisas e situações miúdas que nos cercam e que vivemos.

Mas, talvez nada seja miúdo... Não será isso que sugerem textos de Marina?

Na vida nossa de cada dia, não nos surpreendemos que o vendedor no sinal do trânsito venda líquido para fazer bolas de sabão; ou que quem chega em casa tire a roupa do trabalho; ou que um homem tatue uma cascavel no braço. Mas... e se as bolhas de sabão estilham para-brisas dos carros? E se o homem quando se despe, despe a tatuagem e a cascavel tatuada tilinta os chocalhos?

Assombro. Puro assombro.

Estes textos, percorridos por um ambiente fantástico naturalizado no dia a dia, podem fecundar o cotidiano mais trivial apontando para o além dele.

Num prosaico *shopping center*, um estacionamento transfigurado:

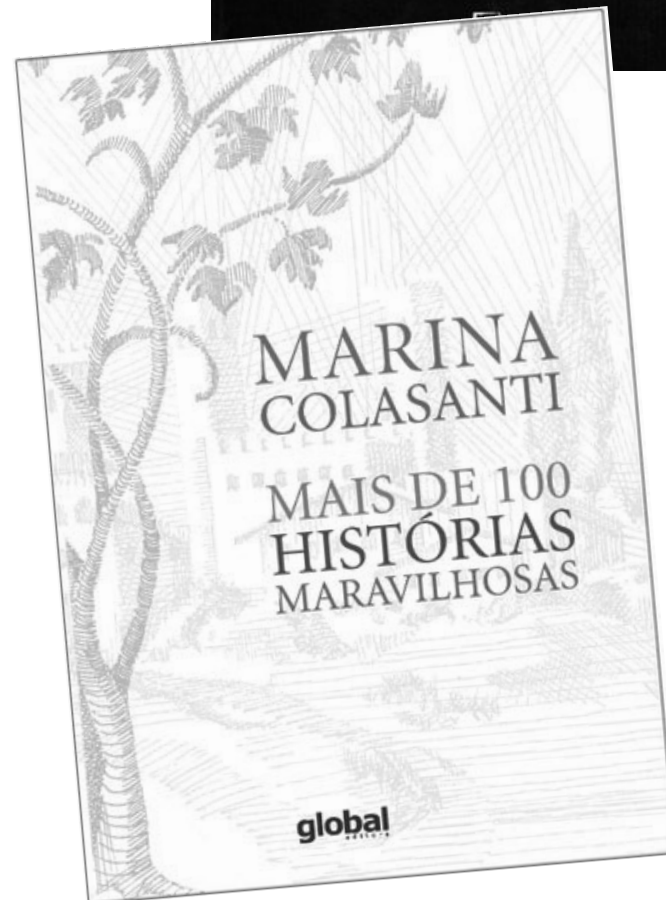
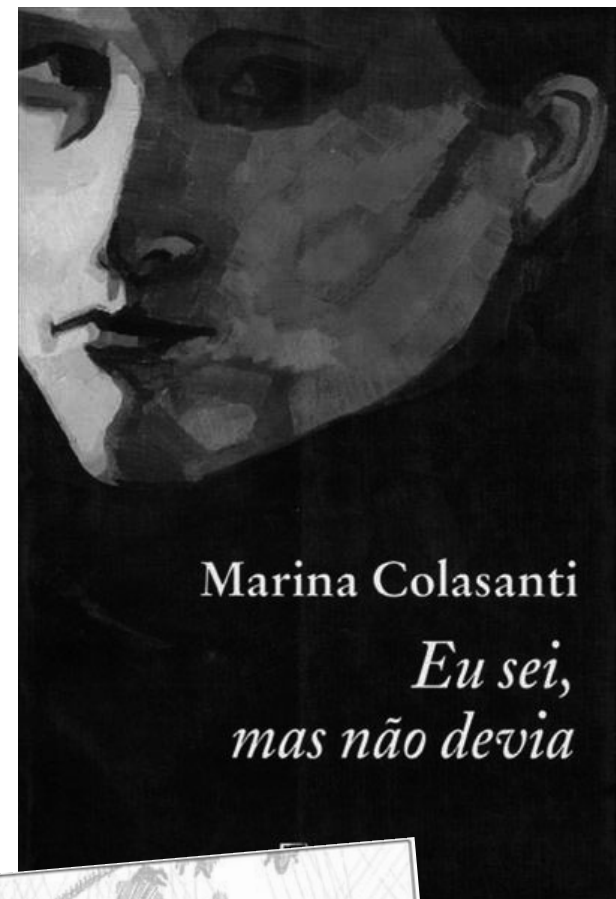
“Irmãos de raça
como os tubarões
noturna metálica pele
focinho adiantado e silêncio-
os carros deslizam vorazes
à cata de vagas
no aquário cinzento do estacionamento”¹

Os cenários que desenham o fantástico nem sempre são urbanos de carros e estacionamentos. Uma paisagem de casuarinas compõe uma história em que as árvores se transfiguram:

(...)
Cinco casuarinas
à beira da estrada

Cinco ramas
cinco fadas
sobre o abismo debruçadas
cinco damas condenadas
a não sair do lugar²

“ Nas páginas de seus muitos livros, o mundo se revela a seus leitores como enigma e mistério.”



1. *Poesia em 4 tempos*
Global 5a. reimpressão 2017. P. 43

2. Id. Pg.29

Esta presença do insólito não é novidade na obra de Marina. Ao contrário, vem de longe.

Em um de seus primeiros livros, *Uma ideia toda azul* (1979), claramente editado para o público infantil, Marina se antecipa a uma tendência até hoje bastante forte: o retorno às histórias de reis, castelos, torres, princesas e rainhas.

Mas mesmo as personagens que habitam estes contos mais antigos de Marina não são exatamente as *mesmas* das histórias tradicionais. São outras.

É como se, tendo lido as histórias de suas predecessoras — nos clássicos — as princesas tivessem aprendido. Aprendido e se modificado. Agora sábias, desmancham ponto a ponto o bordado do príncipe indesejado.

Ou seja, esta vertente da obra de Marina — como que preparando e anunciando seus textos mais recentes — tanto retoma temas e personagens originais, como também sugere (com a leveza de uma varinha mágica) a contestação desta tradição.

Mas, ainda que contestando e renovando a tradição, a fantasia continua falando de solidão, medo, morte e amor.

Talvez por conta desta permanência e, simultaneamente, transformação, que a literatura de Marina é tão difícil de classificar. Espalha-se por diversos gêneros e vale-se de diferentes suportes. E por isso encanta diferentes leitores.

Conto e crônica

Além de poemas e contos, Marina também assina crônicas. Seus textos chegam regularmente a seus leitores nas páginas de jornais e revistas. E hoje, também em *sites* e *blogs*. Às vezes, depois de circularem na mídia, são recolhidos em livros, antologias de crônicas, onde cada leitor pode reencontrar seus textos preferidos e revisita-los no tempo de seu tempo.

Crônicas são textos geralmente curtos, e muito livres. Libérrimos, na verdade. Podem falar de tudo. Supõem um escritor envolvido com o mundo que o cerca e para o qual arrasta seus leitores. No caso as crônicas de Marina, são muitas as páginas que falam dos mundos femininos. Outras falam de filmes, outras de viagens. Outras ainda de livros e de leituras. As crônicas de Marina trazem para o nosso lado mundos vivos: de gente, de bichos e de plantas.

Qualquer que seja o assunto de suas crônicas, o resultado são novos olhos para olharmos o que vemos todos os >>>

“As crônicas de Marina trazem para o nosso lado mundos vivos.”



dias. Por isso saímos da leitura renovados; às vezes com um sorriso nos lábios ainda que seja um sorriso leve, de surpresa e de compreensão.

Compreensão do que nos surpreendeu:

(...) Erni e Carla Elisa acompanhados dos respectivos advogados, compareceram diante do juiz da Comarca de Candelária, no Rio Grande do Sul, para efetivar sua separação.

O fato, tão pequeno, não teria chamado a atenção de ninguém, e muito menos ocupado espaço na imprensa em plena Rio 92, não fosse a reivindicação de Carla Elisa. Que abriu mão da pensão alimentícia e não pediu divisão dos bens, porque bens não possuíam. Mas exigiu que a foto do casamento fosse cortada em dois, ficando cada qual com a parte em que aparecia.³

Dentre os vários gêneros que Marina cultiva, os contos — sobretudo os mais recentes — revelam uma progressiva decantação de linguagem. Evitando excessos, com a linguagem restrita ao mínimo, alguns de seus contos não se estendem para além de meia dúzia de linhas. Às vezes nem tanto:

Debaixo da aba

Tirou o chapéu para cumprimentar aquela dama. E a cabeça foi junto.⁴

Em dois de seus livros mais recentes — romances? — o mundo em que se movem as histórias é o mundo dos animais, tão presentes em tantas das crônicas de Marina.

Um pombo, chamado Tom, sobrevoa a *Breve história de um pequeno amor*: editado pela FTD, o livro ganhou o prêmio Jabuti em 2014. E em *Um amigo para sempre* — lançamento da mesma FTD neste ano de 2017 — um humilde pardal sem nome é um dos protagonistas da história, que se passa numa prisão. Presídio verdadeiro, que encarcerava o escritor José Luandino Vieira, preso por sua militância pela independência de Angola.

Nos dois livros, pássaros contracenam com pessoas que os amam e, na reciprocidade do amor, dão sentido à vida dos humanos — o narrador (no feminino) de *Breve história de um pequeno amor*, e o prisioneiro em *Um amigo para sempre*.

Em ambas as histórias, a identificação do voo de pássaros com liberdade — tópico tradicionalíssimo na literatura — ganha uma contra partida no sofrimento que a partida dos pássa-





ros, no exercício de sua liberdade, causa aos humanos que a eles se afeiçoaram.

Ou seja, nas duas histórias, o mundo animal e o mundo humano se entrelaçam. Mas apenas por curtos períodos; períodos de intenso significado, sim. Mas só para os humanos ...

O aspecto material de ambos os livros, bem como sua ficha catalográfica, os identificam como “literatura infantojuvenil”. Com certeza, eles fazem a delícia de leitura de jovens. Mas não só de jovens. De gente de todas as idades.

Por isso a literatura de Marina — como, aliás, todo bom livro de literatura — é tão difícil de classificar: para crianças ou para adultos — ou para todo mundo? Conto? Crônica? Poema em prosa?

Só sabemos que seus livros são sempre ótimos!

Livros ótimos, que se tecem por procedimentos narrativos densos e concentrados, o que parece constituir marca forte da literatura brasileira mais contemporânea. O máximo no mínimo. O eterno no instantâneo. Tanto naquilo que narra, como na forma pela qual narra o que narra.

Em entrevista recente a Maria Fernanda Rodrigues, publicada em *O Estado de S. Paulo* em 30 Setembro 2017, Marina conta de si: “A minha relação com a vida é através da escrita. O que quero é emocionar, fazer pensar, deixar coisas em aberto, surpreender”.

E, nesse seu aniversário, que seu presente seja a certeza de que seu desejo é atendido: sua literatura surpreende e emociona deixando a vida de seus leitores mais aberta, iluminada! ■

3. Colasanti, M. “Até que a tesoura nos separe. *Melhores crônicas*. SP: Global. 2016. P. 108

4. Colasanti, M. *Hora de alimentar serpentes*. SP: Global. 2013. p. 289



Marisa Lajolo é ensaísta, pesquisadora, crítica literária, autora de literatura juvenil e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora colaboradora da Unicamp. Especialista na obra de Monteiro Lobato, tem uma carreira acadêmica voltada para a teoria literária e literatura brasileira. Nasceu e vive em São Paulo (SP).

Marina Colasanti

DA REDAÇÃO

A edição de outubro do projeto Um Escritor na Biblioteca celebrou a trajetória de Marina Colasanti, que acaba de completar 80 anos. São cinco décadas dedicadas à escrita, em diferentes frentes, como o jornalismo, a crônica, a poesia e a prosa de ficção. Essa intensa produção rendeu a Colasanti 60 livros, publicados em português e em diversas outras línguas, além de dezenas de prêmios literários e milhares de leitores.

No bate-papo conduzido pelo escritor Miguel Sanches Neto, a autora nascida em Asmara, capital do país africano Eritreia, contou como a vida e a personalidade dos pais contribuíram para que tenha se tornado escritora. “Não tínhamos amigos, não conhecíamos ninguém, não brincávamos na rua, então nossos pais foram à livraria e compraram uma coleção que havia sido feita a pedido do Regime. E aí caíram no nosso colo, meu e do meu irmão, Homero, a *Ilíada* e a *Odisseia*”, diz Colasanti, que viveu na Itália durante a Segunda Guerra Mundial e chegou ao Brasil em 1948, para não sair mais.

Entre os gêneros que a escritora investiu, o conto tem lugar de destaque. O estudo da temática que gravita no centro de suas histórias, segundo ela, é essencial em seu método de escrita. “Quando trabalho com minicontos, gosto que eles sejam temáticos, que além dos fragmentos, o leitor receba, sem perceber, um ensaio sobre o assunto.”

A literatura infantojuvenil e, mais especificamente, os contos de fadas, também deram a Colasanti muitos leitores — mas também certo estigma. Para ela, a literatura feita para crianças sofre preconceito e os escritores que se dedicam ao gênero são relegados ao “chiqueirinho da literatura”.

Apesar dos percalços, a escritora se diz contente com a própria obra, que não para de crescer — estão no prelo dois novos livros, que devem sair em breve. Para Colasanti, a diversi-



dade de seus escritos formam um painel representativo de sua atuação como autora. “Nunca fiz uma *selfie*, mas esse painel é minha *selfie*. E acho que ele me representa bem.” A seguir, confira os principais momentos da conversa.

Primeiras histórias

Não me fiz leitora, sempre fui leitora. Não tenho nenhuma memória de uma vida sem livros. Também não tenho nenhuma experiência de oralidade. Ninguém me contou histórias de fantasmas, de folclore. Liam para mim. Então tenho a impressão de que sempre li. A maior emoção que tive, que de certa maneira decidiu minha vida leitora, foi entre os meus 6 e 7 anos, quando estávamos no final da Segunda Guerra Mundial.

Tempos de guerra

Sáímos da África quando a Itália declarou guerra à França, entrando na Segunda Guerra, em 1940. Portanto, passei os 5 anos de guerra na Itália. Estávamos no norte do país e nos deslocávamos porque, à medida que o conflito ia acabando no sul, meu pai era transferido para outro lugar. Ele era fascista e queria ficar com o Regime. Então a gente ia se deslocando porque as cidades iam ficando perigosas. E nessas andanças, nada se leva. Quando você se desloca numa guerra, a única coisa importante que se leva é o brilhante de casamento. O da minha mãe era costurado na bainha de um vestido.

Refúgio nos livros

Não tínhamos amigos, não conhecíamos ninguém, não brincávamos na rua, então nossos pais foram à livra-

Marina Colasanti e Miguel Sanches Neto no auditório da BPP.



ria e compraram uma coleção que havia sido feita a pedido do Regime. Eram adaptações dos clássicos feitas para três níveis: os pequeninhos, crianças até 13 anos e os jovens. Meus pais se equivocaram e compraram os livros do meio. Graças a Deus, foi uma maravilha. E aí caíram no nosso colo, meu e do meu irmão, o Arduíno Colasanti, Homero, a *Iliada*, *Odisseia*, etc. Então estávamos em uma cidade cinzenta, uma sala de jantar toda forrada de lambri escuro, mergulhados com Kipling na selva, na Índia, etc

Diários

Até meus 9 anos eu escrevia diários. Depois, quando vim para o Brasil, deixei de fazê-los. Quando minha mãe morreu, aos 40 anos, tive a sensação, absolutamente clara e inabalável, de que eu teria que viver a vida por duas pessoas — por mim e por ela. E que eu teria que prestar uma atenção de bode na canoa na vida, porque a vida era tão preciosa e minha mão já não a tinha mais. E comecei a escrever diários outra vez, como cartas endereçadas à minha mãe. Isso com 16 anos. Mas depois percebi que não eram cartas à minha mãe, mas a mim mesma. Até hoje tenho diário, que é escrito em italiano.

Destino dos diários

Não sou a Anaïs Nin. Portanto não quero usar a minha vida nem a vida alheia para exposições. É um diálogo comigo, muito íntimo, por vezes chatíssimo, repetitivo. Quando a gente é jovem e está apaixonado, repete sempre a mesma coisa, é de uma inutilidade incrível. Mas esses escritos foram muito úteis para mim, porque era uma maneira de fazer análise sem terapeuta.

Autoficção

Não tenho nenhum oportunismo. E seria um oportunismo transformar em romance, que é um produto amado pelo público e pelos editores, aquilo que é a realidade da minha vida. *Minha guerra alheia*, meu livro de memórias, é absolutamente sincero: fiz um trabalho de pesquisa considerável, porque tinha que

>>>

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

adequar minhas lembranças ao entorno, e o entorno, quando eu era criança, forçosamente não era claro, então tive que fazer um trabalho de pesquisa, mas para isso eu sou jornalista, né? É o casamento de uma grande reportagem com uma vivência intensa, mantida como tal.

Contos

Para fazer o livro *Contos de amor rasgado*, que repercutiu bastante, antes escrevi um ensaio chamado “E por falar em amor”. Quando trabalho com minicontos, gosto que eles sejam temáticos, que além dos fragmentos, o leitor receba, sem perceber, um ensaio sobre o tema, um estudo, que esses contos, entretecidos, formem um discurso. Tendo estabelecido os suportes do tema, faço uma pauta — como boa jornalista — dos elementos compositivos daquilo que quero falar, e só aí que vou escrever as histórias, atendendo a esses elementos para depois fazer um painel. Então quando eu fui fazer *Contos de amor rasgado*, achando que eu sabia tudo, porque eu estava trabalhando há mais de dez anos com o tema amor, em revista, como editora de comportamento, percebi que estava fazendo uma bagunça total, porque é um tema muito conspurcado, muito aproveitado comercialmente. Aí fui reler tudo o que eu podia, para poder me situar. Quando acabei as leituras, percebi que poderia fazer um ensaio. Só aí estava segura para escrever os meus contos.

Minicontos

Um miniconto não é uma piada, não é um haicai. Ele é uma surpresa. Funciona quando é uma surpresa, quando é um olhar de cabeça para baixo. Olhar a coisa que todo mundo vê de outra maneira, e apresentar essa coisa de outra forma.



É muito difícil como estrutura e como forma. Porque se você tira demais, ele não abre a porta para o leitor. Se você bota demais — e demais pode ser uma palavra — ele fica encharcado e pesa, não voa. É muito apaixonante fazer minicontos. Eu passei muitos anos sem fazer porque o gênero virou uma mania nos cursos de criação literária, como se fosse um produto fácil, e não é. É o mais difícil.

Feminista

Refleti sobre tudo em relação à mulher. Sou feminista de carteirinha, tenho crachá em casa. Se eu tivesse um epitáfio — o “se eu tivesse” não é porque eu não acho que vou morrer, mas porque já assinei os papeis para ser cremada, então não terei epitáfio —, ele seria assim: “Aqui jaz Marina Colasanti, a mulher que vi-

veu por um fio”. Porque eu tenho sempre um fio na mão: eu costuro, faço minha roupa, faço crochê, faço tricô, fiz um tapete para ver como era fazer um tapete, fiz um par de um sapato tipo sandália nipônica de palha para ver como era fazer isso. Gosto de poder fazer as coisas. Preciso saber que eu sei fazer as coisas. Gosto de fazer a minha comida. Devo ser uma das poucas pessoas que, tendo a melhor pizzaria do Rio de Janeiro na esquina de casa, faz a sua própria pizza. Porque eu gosto. Não sei se isso é feminino ou



não. Por tradição, fomos obrigadas a absorver essa parte, mas não sei se, nascendo em outro mundo, outro universo, outras condições, as mulheres têm mais aptidão para isso. Mas nós sempre alimentamos as ovelhas e fiamos a lã delas e tecemos o fio que saiu dos nossos dedos.

Rotina

A rotina ideal que eu penso para mim, é em um escritório enorme, com uma mesa grande, uma prancheta para eu desenhar, luz que eu possa controlar

de cima. Um ateliê. Mas não tenho possibilidade de rotina, porque a vida é muito movimentada. Agora, por exemplo, é um período em que estou indo de um aeroporto a outro, arrastando a minha malinha. Chego em casa, troco a mala, pego outro aeroporto... No princípio do ano, janeiro, fevereiro, abril, maio, escrevo. Mas nem aí há rotina.

Empreitada

Eu só trabalho por projeto. Talvez no começo tenha sido minimamente diferente. Mas se eu misturasse os momentos de criação, ia ficar uma bagunça no meu coração e na minha mesa, uma coisa insuportável. Estabeleço que o livro do ano é tal. Aí vou dar conta. Sou uma carrasca. A poesia corre em paralelo, porque

poesia requer muita revisão, muito manuseio, um ir e vir que não acaba. É um trabalho ensurdecedor, digamos assim. Então ela corre paralela. Mas eu trabalho por gêneros, e alterno porque quando estou em outro gênero, como tenho que ligar o meu radar em outra direção, colho coisas diferentes que depois renovam quando eu voltar para outro projeto.

Conto de fadas

O primeiro conto de fadas apareceu na minha vida quase por acaso. Fiquei paralisada. Soube imediatamente que queria continuar fazendo aquilo. E não sabia como fazer, fiquei cheia de questionamentos, sobre o que podia dizer para as crianças, o que não devia dizer às crianças, que linguagem usar, quais as palavras, etc. Aí disse a mim mesma que não era nada daquilo. Pensei: “Você vai escrever para a escrita, vai escrever para você. Você não é criança, não sabe como são as crianças, as crianças são todas diferentes, as crianças não tem a idade cronológica que o mercado quer que elas tenham”. Elas são leitoras de grande percepção. Se não souberem uma palavra, vão procurar e ótimo, ganham uma palavra a mais. Coloquei na minha cabeça que iria escrever para mim. Qualquer outra coisa seria falsificação. Então assumi que queria escrever literatura. E que não queria nada de oralidade. O que não tenho. Affonso [Romano de Sant’Anna] brinca dizendo que eu falo por escrito. Porque não tenho nenhuma intimidade com a oralidade. A minha linguagem é uma linguagem escrita.

Artista visual

Minha relação com as artes plásticas é um pouco sofrida. Porque era o que eu queria ser inicialmente. Venho de uma



UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

família de artistas, meu avô era crítico de arte, autor de muitos livros. E eu estudei pintura. Jovem, antes da minha mãe morrer, já estava estudando desenho, depois fiz belas artes, gravura e metal. Começava uma carreira de artista plástica quando fui para o jornalismo. E indo trabalhar em jornal, embora ilustrasse de vez em quando algumas páginas, as artes plásticas ficaram meio abandonadas. No meio do percurso, comecei a pintar. Fiz duas individuais. Depois meu marchand foi embora para a Bahia e, como não sei vender nada, acabei parando de pintar. Só retomo quando ilustro meus livros. Acabei de ilustrar dois que saíram recentemente, e sempre é uma coisa dolorosa. Porque a mão enferruja alucadamente. E enferruja a cabeça. Você tem que pensar visualmente, entrar no modo ilustração e exercitar a mão.

Rótulo

A Clarice Lispector um dia disse para a Lygia Fagundes Telles, quando ambas eram jovens e muito bonitas: “Lygia, não sorria nas entrevistas quando te fotografarem. Senão eles vão pensar que não somos sérias”. E até hoje a Lygia não sorri nas fotos e, de preferência, posa com óculos na mão, para mostrar que ela é seríssima. Eu não gosto de fazer o gênero lamuriento, porque é chato fazer isso. Pode ser um equívoco pessoal, mas é raríssimo que se fale em conto no Brasil e eu seja considerada uma contista. Sou uma autora infantojuvenil. Este ano, para a minha grande surpresa, fui convidada para um encontro de minicontistas na Argentina. Aí pensei comigo: “Como eles sabem que faço minicontos? No Brasil ninguém se dá conta disso”. Acho que isso é uma questão de preconceito,

de feudo. O feudo poético, por exemplo, é muito fechado. Nunca alguém coloca a Adélia Prado entre os grandes poetas. A Adélia Prado é a Adélia Prado, como se ela não fosse uma poeta como os outros. Ela é uma figura à parte. Isso é preconceito. Os donos do feudo levantam as pontes elevadiças. E coincidentemente os donos do feudo são homens. Se não tivesse esse preconceito, não seria necessário ser feminista.

Contra as fadas

Uma vez o Affonso [Romano de Sant'Anna] me disse: “Para de dizer que você escreve contos de fadas. Diz que são contos fantásticos!”. Aí falei: “Não! É uma traição ao gênero, que é preciosíssimo, indispensável e milenar”. O conto de fadas é irmão da poesia — não em relação à forma, no sentido de que a transmissão foi feita oralmente, mas da densidade de conteúdo. Mas é claro que esse rótulo me relega ao chiqueirinho da literatura infantil, como coisa depreciativa. Mas sei que sem esse tipo de texto não teria literatura adulta, porque ninguém leria. E como seria um escritor adulto se ele não tivesse lido quando criança ou jovem? Mas os adultos não acham isso. Outro dia, numa dessas feiras, alguém perguntou: “Por que a nossa literatura, que é tão rica, tão abundante, com tantas personagens maravilhosas, ainda não ganhou um Nobel?”. E eu falei: “Porque ainda não é tão rica, não é tão grande, não é tão abundante e não tem tantas figuras maravilhosas”. Dito isso, a literatura infantil já ganhou três prêmios Andersen, mas isso ninguém considera que seja grande, maravilhoso e abundante.

Ser escritor

Acho que se tornou mais fácil ser escritor hoje do que era no passado, porque o mercado aumentou enormemente, já se exige a presença de autores nacionais nos catálogos das editoras e, dependendo da crise, quando o dólar fica muito caro, as editoras precisam de escritores nacionais porque os direitos dos autores estrangeiros ficam muito caros. E agora há uma possibilidade, para quem trabalha com texto curto, de fazer circular seu trabalho na internet. Isso não existia antigamente. A gente fazia tudo no mimeógrafo, distribuía nas praças. Mas uma praça não é a mesma coisa que a internet. A internet é uma praça bem mais ampla. Aumentou a dificuldade, talvez, para a literatura. Para o livro, não. Para o autor de livro, abriu o mercado. Para o autor de literatura, que precisa de um leitor mais arguto, mais bem formado, ficou mais difícil, porque a tendência da literatura é vender menos e as editoras querem vender muito.



Crítica na internet

Não viajo na internet. Não tenho Facebook nem Instagram. Fiz uma escolha, porque não tenho muitos anos pela frente. Tenho que usar o meu tempo intensamente. Mas vejo com certo receio a questão dos blogs supostamente críticos, dos blogs que aconselham leitura para os jovens. A crítica tem que ser exercida com ferramentas muito precisas. É uma responsabilidade enorme, você está trabalhando com o texto de outra pessoa. E eu não vejo armamento teórico e crítico nos blogueiros. São jovens que aconselham sobre aquilo que gostam. A literatura de diversão tem um lugar e tem um papel. Mas não é formadora. Não forma ninguém. Só diverte. Divertir não chega a motivar a reflexão, o autoconhecimento, o questionamento e o conhecimento do outro.



Brasil

Moro ao lado do Pavão Pavãozinho, uma favela enorme no Rio de Janeiro. Vivo há 47 anos nesse lugar, passo todo dia em frente à favela e não me acostumo. Não me acostumarei nunca. Não considero que seja uma moradia digna e que um país tolere que pessoas morem dessa maneira. O país não deve tolerar. Eu não tolero. Então é uma posição pessoal. Hoje a gente vê o Brasil chorando. Não tem outra maneira de ver o Brasil. Eu saio, volto e é guerra de cinco dias na Rocinha. Saio e tem tiroteio, volto e tem tiroteio. Não se pode andar na rua. Em Brasília está todo mundo com a mão na mala de dinheiro, com o bolso cheio de dinheiro, a meia cheia de dinheiro. O que é isso?

Ataques à arte

Isso sempre houve. Os ataques à arte acontecem por várias razões. Movidos pela igreja — movimentos religiosos costumam se exacerbar contra manifestações artísticas — e pela ignorância de uma parte preponderante da sociedade. Se a Marina Abramovic [artista performática nascida na Sérvia] pode ficar deitada numa mesa cheia de instrumentos ao seu redor, com as pessoas interagindo com esses objetos no corpo dela, porque o coreógrafo Wagner Schwartz não pode ficar sentado manuseando um bicho da Lygia Clark (daí o título, *La Bête*). Não sei por que uma coisa é arte e outra coisa não é. Em relação à exposição “Queermuseu”, acho que a posição do Santander foi equivocada, porque a instituição tem que saber o que está bancando, o que está financiando. O banco devia ter pensado antes.

Conselho ao jovem escritor

Prepare-se para o fracasso. Porque o fracasso faz parte. Meu primeiro livro, que escrevi quan-

do era cronista no *Jornal do Brasil* (um cargo que naquele momento era muito cobiçado), ficou 5 anos na gaveta. Então, primeiro prepare-se para o fracasso. Faça um projeto autoral. Escolha que tipo de escritor você quer ser. Se você quer ser autor de *best-seller*, tem que fazer algumas concessões. Autor de literatura dificilmente será *best-seller* na estrutura que a gente tem. E tem que ter uma determinação canina, porque a profissão se sacode o tempo inteiro e tenta ejetar a gente. Não é uma profissão acolhedora, e não é uma profissão que no início dê dinheiro. Depois pode até dar (é pouco provável, mas pode até dar). Então você vai ter que ter uma outra profissão que te sustente, e vai ter que tirar o tempo da boca da surucucu para escrever. Para isso você tem que ter uma determinação canina! Cravar os dentes na jugular da profissão e ficar ali. Conheço pessoas que têm cinco romances na gaveta e continuam escrevendo o sexto. A profissão é assim.

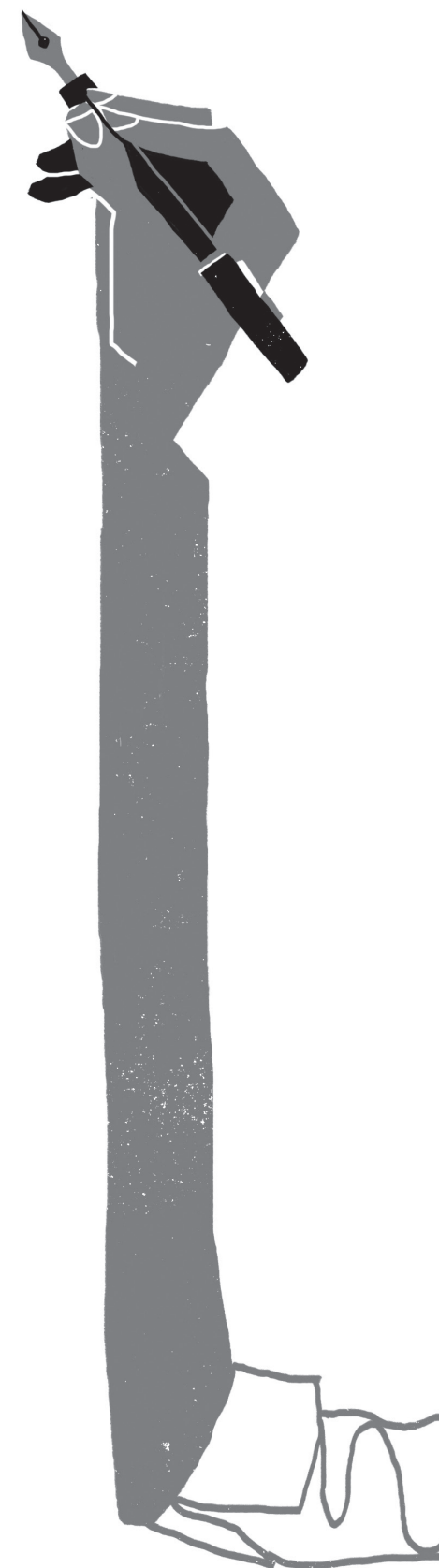
Carreira

Através de gêneros diferentes, estou fazendo um painel. A gente nunca sabe se este painel está completo porque sempre há o desejo de acrescentar mais alguma coisa. Mas depois de tantos anos de trabalho, 60 livros e 80 anos, acho que é um painel que me representa. Nunca fiz uma *selfie*, mas esse painel é minha *selfie*. E acho que ele me representa bem. Mas é claro, já quero voltar a escrever contos de fada. Há sempre o desejo de mais. Eu não estou morta, gente! Estar viva, para mim, é pensar, analisar, escrever. Estar viva é isso: trabalhar. Então alguma coisa acrescentarei, mas a obra está com tamanho razoável. ■

O GRANDE MAR REDONDO

Porque tenho braço fino, de moça, Padrinho disse que eu seria escritor. Padrinho morreu faz 34 anos. Disse isso quando eu era um rapazola e tudo o que fiz durante esse tempo foi conservar o braço na espessura exata do vaticínio. E garatujar algumas linhas trôpegas, que jamais tive coragem de mostrar ao mundo. Muitas vezes, em mangas de camisa, papel almaço e tinta, tomei da pena e, contemplando a elegante curvatura do punho, ordenei: — escreve, meu braço. Ele obedecia e riscava uns versos, alguma prosa, eu sempre atento ao parceiro de escrita que nessas horas insistia em desempenhar sozinho a tarefa. Meu braço escrevia e eu apenas o mantinha apoiado sobre a mesa. Era um braço escritor — eu, seu assistente.

Pouco dado à rudeza dos ofícios manuais, não me foi difícil conservá-lo esbelto e flexível. Fugi dos desportos, das artes militares e o máximo que me permitia em desforço físico era sopesar um grosso volume junto ao peito enquanto tentava calcular o quanto de sabedoria havia ali. Vivi entre os livros, se bem que não para os livros. A vida inteira cuidei de administrar uns bens, como este hotel que recebi de herança. Aqui, junto a esta mesa protegida pelo balcão, no fim de um corredor iluminado por uma claraboia, ocupando-me de uns poucos hóspedes, encontrei o ambiente perfeito para me dedicar ao que gosto. Sendo moço solteiro há setenta e quatro anos, não me vieram abraçar pirralhos e nem gentil esposa a me chamar à mesa. Esqueceram-me os jantares, os compromissos, a sagrada hora dos ofícios do lar. Jamais fui solicitado a amarrar espartilhos, a prender laços de fita numa cabecinha irrequieta, a devolver uma bola atirada contra minhas pernas. Senesci quieto, de pouca prosa,



herdei de uma avó índia esse ser cismático, sem ser triste, porém.

Quando Padrinho morreu, em 1854, eu já estava entrado na casa dos quarenta. Nunca lhe dei o gosto de mostrar escrito meu. Ia adiando, em parte pelo temor de entrever em seus olhos um brilho zombeteiro, em parte pelo terror de negar o augúrio que ele fizera sobre a espessura de meu braço e o poder que esta me conferia. Há pessoas que se escravizam a um traço de beleza ou a um dom de inteligência ou caráter. Eu me escravizei à esqualidez, à escassez muscular, à diminuta massa óssea. Até hoje não atino de onde Padrinho tirou semelhante ilação, pois ele próprio era robusto de corpo, robusto de membros — e mesmo assim autor de obra vigorosa. Nunca lhe questioneei essa contradição.

Se eu o fizesse, Padrinho assestaria contra o próprio peito os dardos da modéstia, recusando meu elogio. Julgava-se homem de poucas letras. E manifestou isso de forma comovente no frontão de sua Memória, suplicando à ilustre Câmara Municipal — a quem dedicou a obra — que fizesse emendar e corrigir as muitas palavras que não estivessem debaixo da regra. Confessava-me com humildade, um simples curioso que nem sequer aprendera a ortografia da língua portuguesa. No au-

torretrato com que se apresentou à posteridade, Padrinho descreveu-se grosso de corpo e de membros, rosto redondo, cheio e gordo, beiços meio grossos e vermelhos, dentes ralos e largos. Diferente dele, meu braço fino, de moça, afigurou-se-lhe um esplêndido poleiro para a gentil Calíope, musa da poesia épica e da eloquência.

Quanto à sua memória histórica, jaz ela com certeza no escuro de algum arquivo da Câmara Municipal à espera de publicação. É obra portentosa, na qual estão exarados os sucessos e fatos dignos de registro acontecidos em Paranaguá desde o descobrimento de suas fermosas baías. Tudo o que sei de Paranaguá aprendi dela. Muitas vezes recolhi a página ainda molhada de tinta que o Padrinho acabara de escrever e afastava-me a um canto para saboreá-la com avidez. Eu era o único a ser admitido no seu gabinete de trabalho. Embora turvando-lhe a concentração, minha presença parecia infundir-lhe um certo ânimo. Parava, olhava-me demoradamente com seu olho arruinado sem dizer palavra, fitava-me longamente como se eu fosse uma parede ou uma nesga de céu — e de repente retornava da viagem a que se entregara com um sorriso iluminado e mão febril. Nessa época, encarregado da contabilidade da firma de um parente, Padrinho surrupiava-lhe algumas horas diárias para dedicar-se à sua obra. Que se danassem diário, balancete, razão. Que se danasse a própria sobrevivência. Tudo que fez na vida, Padrinho fez na contracorrente de sua vocação. Foi comerciante, almota-cel, dono de engenho de mate, alferes da Companhia de Ordenanças da Villa de Antonina, procurador da Comarca de Paranaguá, secretário da Junta Paroquial da Freguesia de Morretes, tesoureiro de diversas entidades. Fabricou tintas, fez riscos de bordado, ensinou saltério a alunos sem nenhum pendor musical — em troca de três patacas que o estômago cobra para não desferir coices contras as tripas vizinhas. Mas sua paixão, aquela que o faria esquecer-se de todos os infortúnios, eram os livros, a pesquisa, o teatro, a música, as festas religiosas. Que anuncias-

sem procissão ou quermesse, lá nos cafundós do Judas, e lá estaria Padrinho penitente, devotado e solícito, a relegar às moscas o balcão do comércio ou a soca do mate que ficara para trás. Deixou milhares de páginas inéditas — astrologia, genealogia, história, onomástica, botânica. Escreveu sobre cemitérios, igrejas, longevidade humana. Inventariou os animais quadrúpedes terrestres e aquáticos, as aves e os pássaros voláteis que povoam a região aérea, os peixes, mariscos e crustáceos que habitam o reino de Netuno. Colecionou superstições e credices: “Quando os cães vizinhos da casa de um moribundo começarem a uivar, é sinal de morte certa”. E os antídotos: “Basta virar os sapatos com as solas para cima e os cães logo se acalmam”. Certa noite, queixando-se de uma dor de garganta, fez-me enrolar a meia do pé esquerdo ao redor do pescoço e caminhar até a casa com aquele estranho atavio. Por sorte ou sortilégio, amanheci curado — Padrinho recomendou-me insistentemente que só retirasse a meia após a dor ir-se de vez.

Imerso nestas lembranças, enfiado em anos, a luz da candeia a iluminar o maço de papel que disponho sobre a mesa, oferto-me por fim aos caprichos do oráculo. Vem, ó doce Calíope, toma o leme deste meu braço e naveguemos juntos na redondez da história.



ROMANCE | JAMIL SNEGE



Aquela manhã ventosa de 1843 não augurava um bom dia para Antônio Vieira dos Santos. A perna doía-lhe e a vista direita arruinada — um golpe desferido à traição, no escuro de uma ruela — sobrecarregava-lhe a sã. Às vésperas de completar sessenta anos, aquela tarefa parecia não ter mais fim. Eram pilhas, gavetas, caixotes de documentos. Os arquivos da Câmara guardavam relíquias e papéis imprestáveis, lado a lado, com o mesmo e desleixado bolor. Os açúcares há tanto tempo retidos entre as fibras de papel ainda serviam de repasto aos bichos. E a umidade. E o ar abafado. E a má tinta e a má caligrafia. As datas em branco, para serem preenchidas depois. A pátina. As assinaturas irreconhecíveis. Memória bichada e carunchosa, retornando ao pó através do metabolismo de seus minúsculos comensais.

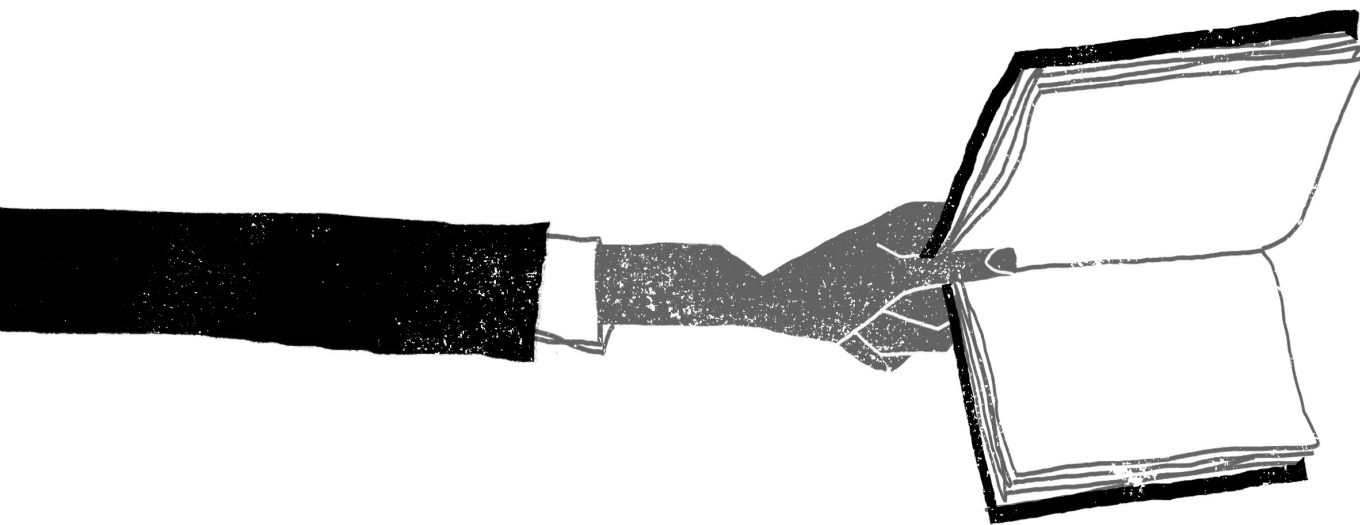
Traça-mor, capitão cupim daqueles empilhados, Antônio Vieira escarafunchava. Caruncho manco e zarolho, fortuito e gratuito. Nada ganhava com aquilo, talvez mais tarde o esquecimento e só. Mas precisava salvar a História. Transportá-la viva para a sua *Memoria Historica, Chronologica, Topographica e Descriptiva da Cidade de Paranaguá e seu Municipio*, onde por certo teria uma sobrevivência de mais alguns anos.

Quem lhe abastecia a despesa durante aquele período de emendar, copiar, corrigir, coligar, organizar? Da mesma forma que tirava o papel da boca de seus pequeninos companheiros de ofício, Paranaguá tirava o pão de sua boca. Não fossem as aulas de saltério, os riscos de bordado que vendia às senhoras, Antônio Vieira passaria fome.

Fome e humilhação. Naquela manhã, antes de iniciar o trabalho, Antônio Vieira dos Santos cruzou o largo do Arsenal e penetrou numa pequena travessa adiante. Cuidava que ninguém o visse. O tronco ainda forte premia a perna estropiada, dando-lhe um movimento de meio pêndulo. Respeitado e admirado, ia fazer coisa ignóbil. Parou diante de uma porta e bateu. Aceitou um copo de água, enxugou com um grande lenço monografado o suor que descia para dentro do colarinho branco e colocou sobre a mesa os objetos retirados de um envelope pardo sobrescrito com seu nome. Eram os galões e adereços de chapéu de seu uniforme de alferes, patente confirmada por carta do próprio Imperador. Uma honraria que guardava com todo zelo, entre outras que colecionava desde sua chegada ao Brasil, ainda rapazinho e cheio de sonhos. Almotacel, procurador da Câmara, secretário da junta eleitoral, tesoureiro da irmandade do Santíssimo Sacramento — nenhuma lhe dava tanto orgulho quanto aquela cujos símbolos a penúria lhe obrigava agora a vender.

O dono da casa examinou sem pressa os esmaltes, os metais brunidos, os trançados e relevos. Retirou de uma caixinha de cedro algumas moedas de mil réis e colocou-as na mão trêmula e suada de Antônio Vieira, que recusou a cadeira que o outro só então lhe oferecia. Já na porta, uma lágrima escorreu sem aviso pela face contraída. É minha vista arruinada, justificou-se Antônio Vieira. E enxugou rapidamente o olho são.

Mas se há coisas capazes de ferir de morte o orgulho de um homem, outras há que têm o condão de curá-lo prontamente — tamanha é sua capacidade de se deixar iludir de novo pela vida. Horas depois, ainda o guizo das moedas a lhe atormentar a consciência, Antônio Vieira dos Santos retira dos arquivos da



Câmara nova pilha de guardados. E encontra, carcomido e carunchoso, o fragmento de um livro que principia assim:

Dom João por Graças de Deos, Rei de Portugal e Algarves d'aquem e d'alem Mar em Affrica, Senhor de Guiné da Conquista, Navegação, Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India &c

A todos os Corregedores, Ouvedores, Provedores, Juizes e mais Justiças, a quem esta minha carta for apprezentada; e o conhecimento della, com direito deva; e haja de pertencer; e requerer.

Saude – Faço saber que, a mim e ao meu Ouvedor Geral, com alçada do Estado do Brazil vinha a dizer por sua petição Gabriel de Lara Capitão e povoador da Villa de Nossa Senhora do Rozario de Pernaguá, que nela havendo... moradores... com suas cazas e famílias, e nella não havia Justiças, e nem Offiçiaes da Camara que os governassem, e por assim... barbara e confuzamente, sem tenção a quem recorrer; e era que lhe fizesse Justiça, na Camara que os governassem; e a Villa que mais perto ficava, era a de Cananéa que dista quatorze legoas; e era nesseçario que, se lhe acodissem com o remedio competente para que se fasa na dita Villa a Eleição de Juizes, Vereadores, Procurador, e Almotaceis; para

que governassem a terra; administrassem a Justiça...

Lá embaixo a data: *aos 29 do mez de Julho, anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1648*. Um documento precioso, que há 195 anos jazia submerso naquele mar de esquecimento e deterioração. Antônio Vieira o resgatara ainda vivo, aqui e ali trespassado pelo dente da traça e do caruncho, mas vivo. E era como se de repente o tempo ressuscitasse. E lá estava Gabriel de Lara, parado diante da porta de sua casa, peito erguido na sua vestimenta de capitão. E mandava que tocassem a caixa, e chamassem todo o povo ali. E os toques de caixas foram ponteando a tarde, dobrando as ruas, invadindo as janelas. E nas janelas primeiro apareceram as cabeças dos escravos, que os senhores ainda dormiam a sesta, e alguns índios que andavam por ali, e uns cavalos que pastavam debaixo de umas árvores, e umas aves que avoaram de susto, e umas crianças que correram à rua e ficaram à distância assistindo ao veloz galope do tambor. E uns marinheiros que desceram em terra, um padre que subiu no alto da torre de sua igreja, uma mulher que acabara de parir e cujo filho berrou um grito que parecia de guerra ao som do couro percutido. E as vacas, que mugiram, e as galinhas, que correram a se esconder debaixo das casas, e o artista da caixa com suas varetas rápidas picotando os beirais, sacudindo os umbrais, bulindo com um rebanho de nuvens esgarçadas que se atropelava lá no céu. E as velhas benzedadeiras, com seus terços e ramos de arruda, e as beatas, a beijar os bentinhas, e os vendeiros, e os tanoeiros, e os pedreiros. Largue a agulha, filha minha, pare de varrer o terreiro, deixe a água lá no poço, prenda esse cabelo, bote um xale no pescoço, que o Capitão está

tocando. É o dilúvio, é o fim do mundo, é El-Rei que está chegando? São de novo as caravelas, uma perdida baleia, a corte das nereidas, o ataque de um pirata?

O povo todo acudiu ao chamado do tambor. Era o Capitão convocando para as eleições. Que, entre os que ali se encontravam, se escolhessem os eleitores. Os que parecessem de consciência mais sã. E esses assim foram escolhidos. E de seus votos se elegeram João Gonçalves Peneda e Pedro de Uzeda, juizes; Domingos Pereira, Manoel Coelho e André Magalhães, vereadores; Diogo de Braga, procurador do Conselho; e Antonio de Lara, escrivão da Câmara. E todos os sete foram juramentados perante os Santos Evangelhos.

Vila por ato e vontade de Dom João IV, crescida de seis ou sete mil almas, elegendo juizes e oficiais da Câmara, Pernaguá tinha então lei e grei para ir ocupando aqueles ermos, conforme exigia o Deus Altíssimo e era servido.

Antônio Vieira deixou que seu rosto se iluminasse de uma alegria surgida lá dos escaninhos da alma. Os galões de alferes silenciaram seus guizos acusadores e a manhã ventosa e de mau augúrio transformava-se numa jornada estupenda. Ali estava o começo de tudo, o início da história grafada. Pernaguá já vinha de tempos, mas ágrafo e modulando nos acentos da oralidade. Ou, quando muito, referido de viés nos registros de Santos, Cananéia, São Vicente, Itanhaém. Dali por diante era letra escrita, documento. Cartas, vereanças, alvarás, ofícios, provisões. Palavra lavrada na gramatura do papel.

ROMANCE | JAMIL SNEGE

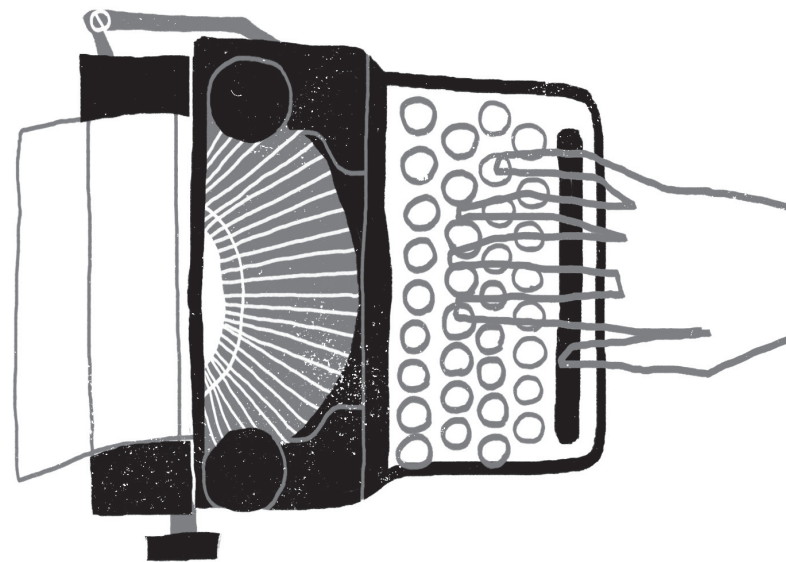
À medida que o tempo passa, os fantasmas vão perdendo sua substância. Se, no início, sentam-se à mesa com sua forma física incorruptível e são até capazes de empunhar talheres, com o correr do tempo transformam-se em miasmas senis. Dissipam-se, esboroam-se, são ora um vulto sem olhos, uma luz mortiça vagamente antropomórfica, um sutil movimento de asa, algo que se assemelha ao voo de um inseto ou ao rastejar impreciso de um réptil no escuro.

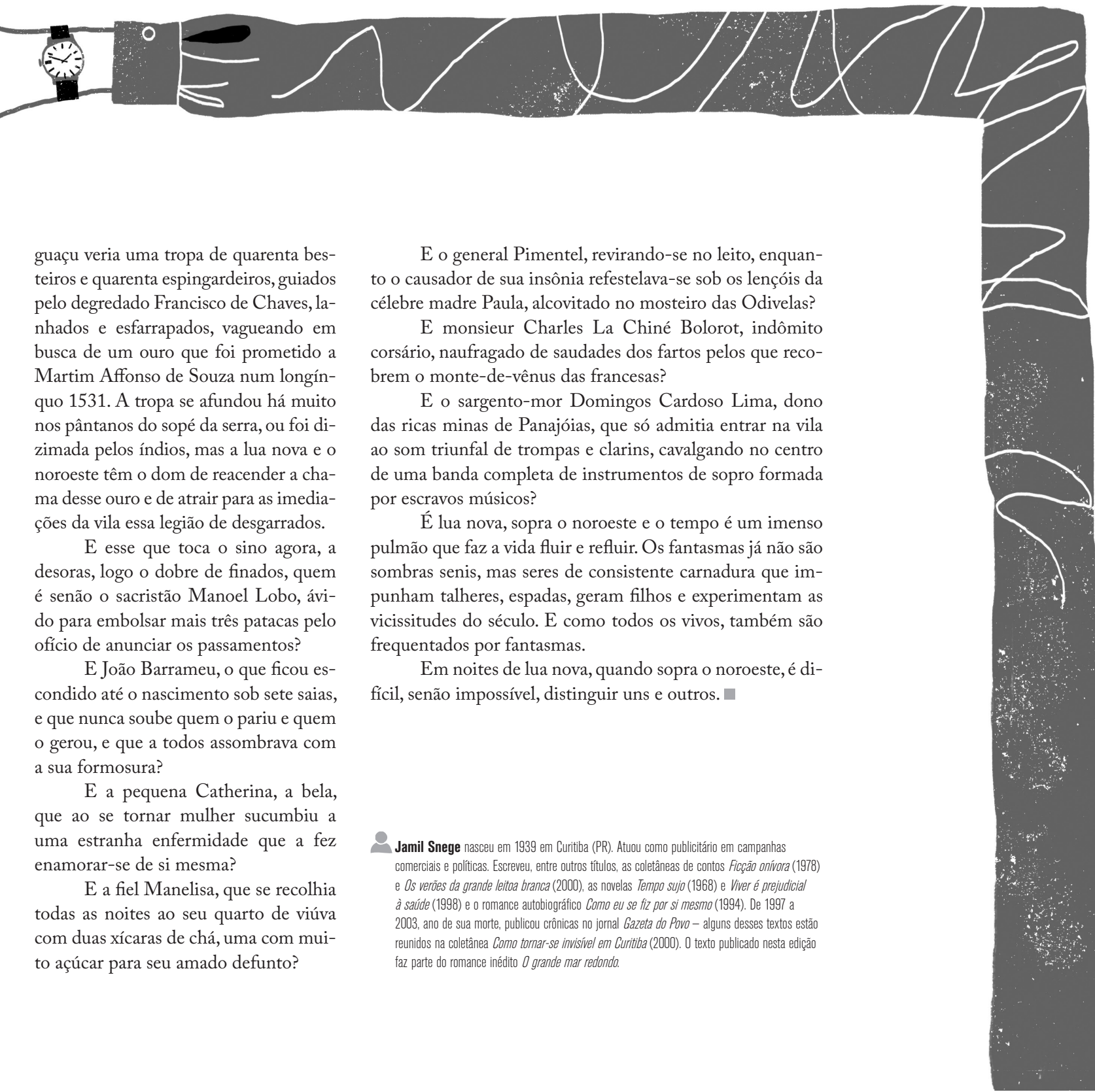
Outras e raras vezes, entretanto, eles ressurgem nítidos e belos, a chacoalhar suas armas e armaduras, a desfraldar estandartes e brandir espadas, a consultar antigos códices sob a luz que emana da ponta de seus dedos. Mas isso somente em certas noites, quando o ar carregado de eletricidade comunica-lhes uma estranha e inesperada energia. Aí então inflam suas velas, eriçam suas plumas e fendem a escuridão com gargalhadas que o menos sagaz dos observadores confundirá com as matracas que lhes sopra o vento.

Essas noites, geralmente, são noites de lua nova. O noroeste esgarça fiapos de nuvem no céu e varre as ruas e praças com o hálito gelado de suas narinas. Os que não dormem passeiam olhos insones pelo teto, descobrem um e outro detalhe no reboco da parede, uma até então imperceptível cicatriz no retrato a óleo da bisavó menina que há quase cem anos sorri para a luz mortiça da lua.

Mas não olham para fora. O noroeste é um vento mau, que depois de passar por entre os vãos da sineira da igreja de São Benedito vem bater justo na janela. Não há vi-valma na rua, a não ser um estranho cão sem pelos, que os antigos chamavam de jaguapeva, a cheirar uns ossos junto ao muro do colégio. O cão pelado é o único vivente, pois até as águas do Taguaré estão silenciosas de peixes. Nem mesmo as aranhas fiandeiras, que armam suas redes nos beirais, atrevem-se a abandonar as frestas escuras da pedra. Dentro, a luz que dança sobre a cicatriz da bisavó menina revela a dura presença de uns objetos que o dia fez passar despercebidos — um pedaço de corda, uma navalha —, como a sugerir que o noroeste é o vento dos suicidas.

Nessa hora, quem olhasse lá nos mangais do Embo-





guaçu veria uma tropa de quarenta besteiros e quarenta espingardeiros, guiados pelo degredado Francisco de Chaves, lanhados e esfarrapados, vagueando em busca de um ouro que foi prometido a Martim Affonso de Souza num longínquo 1531. A tropa se afundou há muito nos pântanos do sopé da serra, ou foi dizimada pelos índios, mas a lua nova e o noroeste têm o dom de reacender a chama desse ouro e de atrair para as imediações da vila essa legião de desgarrados.

E esse que toca o sino agora, a desoras, logo o dobre de finados, quem é senão o sacristão Manoel Lobo, ávido para embolsar mais três patacas pelo ofício de anunciar os passamentos?

E João Barrameu, o que ficou escondido até o nascimento sob sete saias, e que nunca soube quem o pariu e quem o gerou, e que a todos assombrava com a sua formosura?

E a pequena Catherina, a bela, que ao se tornar mulher sucumbiu a uma estranha enfermidade que a fez enamorar-se de si mesma?

E a fiel Manelisa, que se recolhia todas as noites ao seu quarto de viúva com duas xícaras de chá, uma com muito açúcar para seu amado defunto?

E o general Pimentel, revirando-se no leito, enquanto o causador de sua insônia refestelava-se sob os lençóis da célebre madre Paula, alcovitado no mosteiro das Odivelas?

E monsieur Charles La Chiné Bolorot, indômito corsário, naufragado de saudades dos fartos pelos que recobrem o monte-de-vênus das francesas?

E o sargento-mor Domingos Cardoso Lima, dono das ricas minas de Panajóias, que só admitia entrar na vila ao som triunfal de trompas e clarins, cavalgando no centro de uma banda completa de instrumentos de sopro formada por escravos músicos?

É lua nova, sopra o noroeste e o tempo é um imenso pulmão que faz a vida fluir e refluir. Os fantasmas já não são sombras senis, mas seres de consistente carnadura que impunham talheres, espadas, geram filhos e experimentam as vicissitudes do século. E como todos os vivos, também são frequentados por fantasmas.

Em noites de lua nova, quando sopra o noroeste, é difícil, senão impossível, distinguir uns e outros. ■

 **Jamil Snege** nasceu em 1939 em Curitiba (PR). Atuou como publicitário em campanhas comerciais e políticas. Escreveu, entre outros títulos, as coletâneas de contos *Ficção onívora* (1978) e *Os verões da grande leitoa branca* (2000), as novelas *Tempo sujo* (1968) e *Viver é prejudicial à saúde* (1998) e o romance autobiográfico *Como eu se fiz por si mesmo* (1994). De 1997 a 2003, ano de sua morte, publicou crônicas no jornal *Gazeta do Povo* – alguns desses textos estão reunidos na coletânea *Como tornar-se invisível em Curitiba* (2000). O texto publicado nesta edição faz parte do romance inédito *O grande mar redondo*.

FOTOGRAFIA | "STAY FLOW" – DEIVISON SOUZA

CLIQUE

EM CURITIBA

Conhecido como **"Stay Flow"**, **Deivison Souza** viaja pelo Brasil fotografando dançarinos e artistas de rua. B-boy do primeiro grupo que se reuniu para dançar na marquise do Shopping Itália, no centro de Curitiba, ele parte de suas vivências cotidianas para apresentar um estilo contrastado e colorido. ■







POEMA | ANNITA COSTA MALUFE

Ilustração: **Samuel Casal**

há uma voz que não está
no poema por trás do poema há
uma voz há antes uma dor escrever uma dor
escutando o delírio escutando os fantasmas
da voz escutando as vozes dos fantasmas
que circulam por dentro e por fora
nos cômodos do apartamento vozes
que sequestram o corpo escrever
para não sucumbir a essas vozes para
não afogar escrever com elas apesar delas
beber com elas num bar da esquina escrever
escutando uma dor uma voz caindo
próxima ao chão rente ao poema como estar
mais próximo ao chão estar
mais próximo estar rente
ao chão corpo a corpo numa
linguagem precária rente ao chão ao rés do chão
há algo que não está dito algo que vasa
nas bordas das palavras algo transborda
uma dor vaza pelo chão rastros
uma entrega à beira dos dedos
das mãos entre um copo e outro um
corpo e outro beber com elas num
bar escrever algo que não cabe
no poema não cabe na palavra o não dito
a saliva alcançar em um poema aquilo
que ficou de fora do poema
o fora do poema a transfusão da voz
em off as vozes em off se intercalando se
misturando uma mistura de
vozes em off beber com elas num bar vozes
transbordando os corpos as mãos
gesticulando no ar o cabelo
no ar a pele gesticulando
no ar o vermelho da pele o sangue
voando com os cabelos no ar
vozes se entrelaçando na saliva
a saliva se entrelaçando na saliva
a transfusão da saliva nas línguas
a transfusão das línguas nas vozes
entreditas rastros de vozes a vida
vazada na boca vazada na língua
vazada na saliva vazada em off

do poema “em off” de
Alberto Pucheu e Danielle Magalhães



Annita Costa Malufe nasceu em São Paulo, em 1975. É poeta e professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, é autora de *Poéticas da imanência: Ana Cristina Cesar e Marcos Siscar* (2011), e de seis livros de poemas, entre eles, *Quando não estou por perto* (2012) e *Um caderno para coisas práticas* (2016).

